



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

AS INTERJEIÇÕES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SEUS ASPECTOS
INDEXICAIS

SÃO CARLOS
2019



Universidade Federal de São Carlos

ARIANE TEIXEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

AS INTERJEIÇÕES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SEUS ASPECTOS INDEXICAIS

ARIANE TEIXEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde

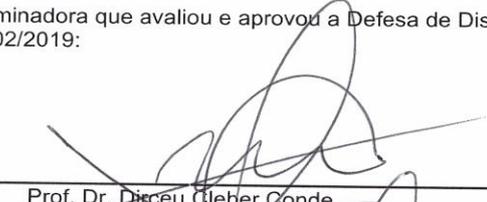


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

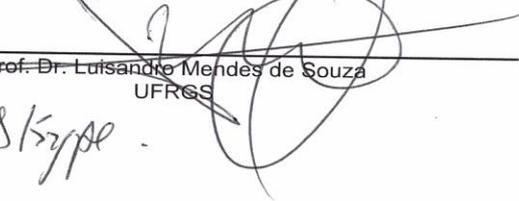
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ariane Teixeira, realizada em 26/02/2019:



Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde
UFSCar



Profa. Dra. Lovania Roehrig Teixeira
UTFRR



Prof. Dr. Luisandro Mendes de Souza
UFRGS

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Lovania Roehrig Teixeira, Luisandro Mendes de Souza e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que me iluminou nesta jornada. À minha família, que me apoiaram e me incentivaram na decisão entrar no mestrado e me acompanharam nessa caminhada.

Agradeço ao Mauro, meu companheiro, que sempre demonstrou interesse e orgulho por eu segui o meu sonho.

Agradeço minhas amigas que ganhei na trajetória acadêmica, Thayse, Winnie, Leticia, Vania e Joice, de um modo ou outro vocês sempre estiveram presentes e contribuíram no meu trabalho e na minha vida.

Agradeço ao professor Renato que me orientou com muita paciência e empolgação sobre o tema que envolveu nosso convívio todos esses anos. Agradeço ao professor Cleber que em vários momentos orientou o meu trabalho desde a graduação. Agradeço ao professor Aquiles Tescari Neto que se disponibilizou a ler atentamente meu texto e contribuiu com as questões sintáticas.

Agradeço a professora Lovania, ao professor Luisandro e a professora Ariani que prontamente aceitaram meu convite para compor a banca de defesa.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui.

À minha mãe, pelo seu amor incondicional.

RESUMO

As interjeições do português brasileiro formam uma classe gramatical heterogênea e produtiva, cujos itens associam-se comumente à ideia de que “expressam sentimentos e emoções do falante”, mas de fato esses itens possuem outras funções e significados em diversos contextos de fala. Nossa hipótese de pesquisa considera que (i) as interjeições são sintaticamente independentes, que (ii) carregam um elemento indexical deletado/não-pronunciado em sua estrutura, e que (iii) possuem conteúdo expressivo. Apresentaremos um quadro de interjeições às quais serão aplicados critérios de classificação de acordo com as informações contextuais do episódio de fala e sua funcionalidade. O escopo da presente pesquisa abarca ainda o conteúdo semântico expressivo das interjeições, pois esses itens não podem ser avaliados por suas condições de verdade, dado que, segundo nossa análise, contribuem somente na dimensão expressiva, e por isso vamos explorar a teoria da multidimensionalidade de Gutzmann (2013; 2015), que oferece um aparato formal para lidarmos com os itens expressivos. Nossas ferramentas de análise são da semântica e da pragmática formais, e seguindo a metodologia hipotética dedutiva, procuraremos sempre formular nossas conclusões de modo a serem falseáveis e, portanto, verificáveis, contando com a própria intuição de falante.

Palavras-chave: Interjeições. Indexicais. Semântica. Pragmática. Expressivos.

ABSTRACT

Brazilian Portuguese interjections form a heterogeneous and productive grammatical class, whose items are commonly associated with the idea that they “express feelings and emotions of the speaker”, but in fact these items have other functions and meanings in different speech contexts. Our research hypothesis considers that (i) interjections are syntactically independent, that (ii) they carry an elided/unpronounced indexical element in their structure, and that (iii) they have expressive content. We will present a set of interjections to which classification criteria will be applied according to the contextual information of the speech episode and their functionality. The scope of the present research also includes the expressive semantic content of the interjections; since these items can not be evaluated according to their truth conditions, because, following our analysis, they contribute only in the expressive dimension, and therefore we will explore the multidimensionality theory of Gutzmann (2013; 2015), which provides a formal apparatus for dealing with expressive items. Our tools of analysis are formal semantics and pragmatics, and we apply a hypothetical deductive methodology, we will formulate our conclusions in order to be falsifiable and therefore verifiable, counting on the speaker’s intuition.

Keywords: Interjections. Indexicals. Semantics. Pragmatics. Expressive.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1.1: Definição de partículas e “rotinas” ou fórmulas.....	30
Quadro 1.2: Comparação entre interjeição secundária e locução interjetiva	31
Quadro 1.3: Definição de ideofones e onomatopeia.....	33
Quadro 1.4: Classificação das interjeições segundo Ameka (1992)	35
Quadro 2.1: Análise do ‘oba!’	50
Quadro 2.2: Comparação entre ‘oba!’ e ‘eu’	50
Quadro 2.3: : Quadro comparativo entre interjeições, indexicais, expressivos e sentença descritiva.....	51
Quadro 2.4: Análise de ‘ai’	55
Quadro 3.1: Interjeições primárias e secundárias	61
Quadro 3.2: Interjeições expressivas emotivas e cognitivas	63
Quadro 3.3: Interjeições conativas	65
Quadro 3.4: Interjeições fáticas	66
Quadro 3.5: Interjeições que acompanham gestos ou apontamentos	68
Quadro 3.6: Interjeições que possuem mais de um significado	69
Quadro 3.7: Quadro geral das interjeições	71
Quadro 4.1: Análise multidimensional do expletivo	77
Quadro 4.2: Análise multidimensional de ‘gringo’ na negação	80
Quadro 4.3: Análise multidimensional de ‘gringo’ em pergunta	80
Quadro 4.4: Análise multidimensional de ‘gringo’	80
Quadro 4.5: Grupos de UCIs	81
Quadro 4.6: Critérios aplicados aos grupos de UCIs.....	83
Figura 2.1: Esquema de caráter e conteúdo	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

- ≈ - Equivalente
- # - Inaceitabilidade pragmática
- ∅ - Vazio
- * - Sentença agramatical
- ? – Inaceitabilidade semântica
- +SIG. – Possui mais de um significado
- ¬ - Negação
- ✓ - Situação feliz
- 0 – Falso
- 1 – Verdadeiro
- APON. – Acompanha gestos ou apontamentos
- c – Contexto
- C_a - Agente do contexto
- C_l - Lugar do contexto
- C_o - Ouvinte do contexto
- COG – Cognitiva
- COMPL. – Selecciona como complemento uma sentença
- CON – Conotativa
- C_t - Tempo do contexto
- C_w - Mundo do contexto
- e – Tipo lógico de indivíduos
- EM – Emotiva
- ε - Item/ construção linguística que carrega conteúdo uso – condicional, i.e., um UCI
- FAT – Fática
- I.P. – Interjeição primária
- I.S. – Interjeição secundária
- p – proposição
- REP. – Repetibilidade
- S – Sentença
- t – Tempo
- w – Mundo possível

x e y – Representa indivíduos

η – Situação infeliz

UCIs – Itens uso-condicionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. AS INTERJEIÇÕES E OS PROBLEMAS LINGUÍSTICOS.....	21
Introdução	21
1.1. Um quadro geral das interjeições.....	21
1.2. Interjeições primárias.....	25
1.2.1 Interjeições vs “partículas”.....	29
1.2.2 Interjeições e “rotinas”	29
1.3. Interjeições secundárias	31
1.4. Caráter periférico das interjeições	32
1.5. Classificação semântico-funcional das interjeições.....	34
1.6 Conclusão	36
2. AS INTERJEIÇÕES COMO INDEXICAIS	37
Introdução	37
2.1. Interjeições e sua definição.....	37
2.2. A teoria de indexicais de Kaplan	41
2.3. Interjeições e expressivos	45
2.4. Interjeições, indexicais e expressivos	49
2.5 Conclusão	56
3. UMA CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES.....	57
Introdução	57
3.1. Interjeições, seleção e critérios.....	57
3.2. Seleção das interjeições	59
3.3. Critérios de Ameka (1992): interjeição primária, interjeição secundária, emotiva, cognitiva e fática.....	61
3.4. Outros critérios: seleciona como complemento uma sentença, acompanha gestos ou apontamento, repetibilidade e possui mais de um significado	66
3.5. Conclusão.....	72
4. UMA INVESTIGAÇÃO DO CONTEÚDO EXPRESSIVO DAS INTERJEIÇÕES	73
Introdução	73
4.1. Significado de uso-condicional.....	73
4.2. Tipos de expressivos	76
4.3. As interjeições são UCIs	81
4.4. Conclusão.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85

TRABALHOS FUTUROS.....	89
REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

As interjeições são geralmente definidas pela literatura como uma classe de palavras¹ aberta e heterogênea, cuja função é expressar sentimentos e emoções do falante. Em geral, as interjeições são exemplificadas por meio de itens como: ‘psiu!’, ‘oba!’, ‘meu Deus!’, ‘vixi!’ ‘tomara!’, entre outros itens e construções. Considera-se também, comumente, que as interjeições possuem uma sintaxe independente dos outros itens da sentença², sendo consideradas apenas vagamente integradas aos outros itens linguísticos que compõem um proferimento.

Essa definição é encontrada em praticamente todas as reflexões sobre interjeições, porém, trata-se de uma definição imprecisa para abarcar uma classe tão heterogênea quanto à sua funcionalidade e diversidade de elementos. Além disso, tais definições também são problemáticas porque (i) nem todas as interjeições expressam estado emocional do falante, pois podem ser usadas para outras funções, como pedido de auxílio (1); (ii) a mesma interjeição pode ter mais de uma função dependendo do contexto de fala, como saudação (2) ou expressar alegria (3), e, a depender de fatores prosódicos uma interjeição pode, por exemplo, chamar atenção de alguém (4) ou servir para pedir de silêncio (5).

- (1) Socorro!
- (2) (João viu Mário) João: oba!
- (3) (Maria passou no vestibular) Maria: oba!
- (4) Maria: psiiuuu! (longo)
- (5) Maria: psiu! (curto)

Logo, a ideia de que a classe das interjeições expressa o estado emocional do falante seja necessária para defini-la não é suficiente para identificá-la, pois (iii) o falante pode expressar sentimentos e emoções com palavras de outras classes.

¹ A classificação de “classe de palavras” ou “classe gramatical” abarca tanto palavras como locuções.

² As interjeições são autônomas nas sentenças, por isso são consideradas como verdadeiras frases que transmitem seu conteúdo por si só, sendo uma característica singular dessa classe. Contudo; há exemplos que fogem a essa regra, como se considerarmos a interjeição ‘tomara!’, que exprime uma ideia semelhante a ‘eu desejo que p’, portanto pede um complemento para expressar o desejo do falante. Voltaremos a esse ponto mais extensamente no capítulo 3.

Soma-se a isso a falta de uma definição linguisticamente precisa e a relativa lacuna de estudos sobre as interjeições nos diversos níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático e semântico/pragmático), se tomarmos como comparação os estudos dedicados a outros tipos de itens (como, substantivos, advérbios, verbos, entre outros); tais constatações nos motivaram a pesquisar sobre o tema das interjeições.

Sendo assim, a proposta desta dissertação é oferecer uma descrição formal mais aprofundada das interjeições. Nosso objetivo, especificamente, é propor uma forma de tratamento das interjeições do português brasileiro (doravante PB) e, a partir dessa proposta, analisar as interjeições primárias e secundárias (cf. Ameka, 1992) em diversos contextos de fala kaplanianos, ou seja, segundo Kaplan (1989) que considera os contextos como uma unidade informacional que fixam referentes, como agente (falante), ouvinte, tempo e lugar, desse modo fornecendo informações específicas do contexto de proferimento.

Essa análise nos levará a um quadro mais completo sobre o comportamento e as características semânticas das interjeições do PB. Em um segundo momento, nós dedicaremos a análise bidimensional do conteúdo expressivo das interjeições (cf. Potts, 2007; Gutzmann, 2015). Como resultado, teremos uma contribuição à descrição linguística do PB, com ênfase na semântica dessa classe pouco investigada.

Partiremos das hipóteses de que (i) as interjeições são consideradas como sentenças completas que possuem elementos indexicais em sua estrutura recuperados no contexto de fala e (ii) carregam um conteúdo expressivo (Teixeira, 2017; Basso e Teixeira, 2017).

Nossas hipóteses de pesquisa requerem um quadro de trabalho pautado na descrição linguística e na classificação (interjeições primárias e secundárias) de Ameka (1992, 2006) que é adotada por outros autores, como Wilkins (1992) que, por sua vez, desenvolve a ideia das interjeições serem como dêiticos/indexicais. Levamos essa ideia adiante, porém, no quadro que Kaplan (1989/1977, 2004) propõe para os indexicais; assim, juntando as ideias, afirmamos que as interjeições possuem elementos indexicais em sua estrutura que são recuperados no contexto de fala. Por fim, lançamos mão das ideias de Gutzmann (2013, 2015) que nos oferece um modelo bidimensional de tratamento dos itens que possuem conteúdo expressivo, como é o caso das interjeições.

Esta dissertação está dividida da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentaremos os problemas linguísticos que dificultam uma classificação e definição das interjeições através do trabalho de Ameka (1992, 2006), que pode ser visto como um verdadeiro exercício de linguística descritiva e pensamento analítico, ao considerar, simultaneamente, diversos fatos

linguísticos, conceitos e níveis de análise linguística, mostrando as dificuldades de definir “interjeição” desde sua origem como categoria linguística.

No capítulo 2, vamos expor nossa proposta de análise das interjeições do PB baseada na ideia que esses itens possuem em sua estrutura elementos indexicais deletados/não-pronunciados que são recuperados no contexto de fala; para tanto discutiremos sobre os trabalhos de Wilkins (1992) e Kaplan (1989/1977, 2004).

No capítulo 3, analisaremos algumas interjeições do PB em diversos contextos de fala kaplanianos, levando em conta alguns critérios, como: a necessidade de um interlocutor e/ou ouvinte; se a interjeição acompanha apontamentos ou gestos; quais interjeições selecionam complementos na sentença, entre outros traços/requisitos.

No capítulo 4, pautados no trabalho de Gutzmann (2015), vamos explorar o conteúdo uso-condicional dos itens expressivos (UCIs), apresentar os tipos de expressivos e como o autor trata esses itens, especificamente, as interjeições.

Por fim, nas Conclusões retomaremos nossos passos, os resultados da pesquisa até o momento e apontaremos alguns dos problemas em aberto.

CAPÍTULO 1

1. AS INTERJEIÇÕES E OS PROBLEMAS LINGUÍSTICOS

Introdução

Neste capítulo, nós faremos um breve percurso sobre alguns dos estudos dedicados às interjeições para mostrar como elas foram tratadas ao longo da história; em seguida, compararemos as interjeições a outros itens da língua, como conectivos, onomatopeias, “partículas” (como “se”³), “rotinas” (cf., Ameka, 1992), entre outros, com o intuito de demonstrar que as interjeições são diferentes desses itens e que merecem uma descrição linguística cuidadosa.

1.1. Um quadro geral das interjeições

A contribuição semântico-pragmática da classe das interjeições é certamente um dos temas menos estudados ao longo da história da gramática. Entre os poucos que falaram sobre ela apareceram dúvidas quanto ao fato de as interjeições realmente formarem uma classe de palavra ou uma subclasse – afinal, como definir estruturalmente (i.e., sintática e morfológicamente) uma interjeição?. Entre os pesquisadores que recentemente lançaram um olhar mais pormenorizado às interjeições, como Ameka (1992, 2006), Cuenca (2002), Wharton (2000), Wilkins (1992), Wierzbicka (1992), Kaplan (2004), entre outros, podemos encontrar, *grosso modo*, duas posições quanto à análise e funcionamento desses itens: a conceitualista e a não conceitualista.

De um lado, há os assim chamados conceitualistas, como Ameka (1992; 2006), Wilkins (1992) e Kaplan (2004) que defendem que as interjeições fazem parte da língua e têm que ser analisadas como quaisquer outros itens linguísticos. De acordo com os conceitualistas, as interjeições teriam uma rica estrutura semântica, e poderiam ser categorizadas e analisadas

³ Neste caso estamos tratando do ‘se’ conjunção condicional, por exemplo, ‘se chover eu não vou’.

com base em uma classificação funcional que levaria em conta os usos das interjeições. Desse ponto de vista, as ferramentas utilizadas para dar conta de outros itens linguísticos, pertencentes às demais classes de palavras, poderiam ser empregadas tais e quais para lidar com as interjeições.

Por sua vez, há os não conceitualistas, como Wharton (2000), que defendem que as interjeições não fazem parte da língua como os itens que compõem as demais classes de palavras. Segundo essa concepção, as interjeições merecem uma análise *sui generis* justamente porque elas têm uma estreita relação com a modalidade verbal e a modalidade não verbal da língua; seriam, portanto, em grande medida, itens “paralinguísticos”⁴, como, por exemplo, os gestos que acompanham os proferimentos.

Seria, contudo, simplista demais considerar que haja somente essas duas grandes concepções sobre interjeições; o trabalho de Cuenca (2002), mas também de outros autores garantem às interjeições um *status* um tanto quanto diferenciado, situado a meio caminho de abordagens conceitualistas e não conceitualistas. Lançando a ideia de protótipos, esses autores dispõem as interjeições num eixo que vai desde as palavras “comuns” (como: “oba!”, “ai!”, “viva!”) até itens paralinguísticos, por exemplo, as onomatopeias e as “rotinas”⁵ (“obrigado!”, “por favor!”, “uau!”, “au-au”, “tic-tac”).

Embora as interjeições tenham uma definição vaga (expressam sentimentos e emoções do falante) são palavras que todo nativo de uma língua entende e sabe como usar, portanto fazem parte da nossa competência gramatical. Neste trabalho, adotaremos uma abordagem conceitualista, porque assim como Ameka (1992; 2006), Wilkins (1992) e Kaplan (2004) entendemos que esses itens fazem parte da língua e podem ser tratados com as mesmas ferramentas utilizadas para lidar com itens das outras classes gramaticais.

Para termos uma ideia do panorama das interjeições e de seu estudo, é interessante olharmos um pouco para a história desses itens, e é exatamente isso que Ameka (1992) faz nas primeiras páginas de seu texto intitulado “*Interjections: the universal yet neglected part of speech*”, além de o autor realizar um apanhado histórico, ele apresenta a classificação e os problemas envolvidos nos estudos e no tratamento das interjeições, e ainda apresenta uma proposta própria para lidar com esses itens.

O autor começa pelos gramáticos gregos da Antiguidade clássica. Para eles, as interjeições eram uma subclasse dos advérbios, já que não sofrem derivação ou flexão

⁴ Os itens paralinguísticos abarcam gestos, expressões faciais, entonação, entre outros fatores que estão na modalidade não verbal (WHARTON, 2000).

⁵ São expressões de comunicação de cumprimento e polidez, faremos uma comparação mais cuidadosa com as “rotinas” e as interjeições na seção 1.2.2.

morfológica e também não causam nenhuma mudança no conteúdo veiculado por uma sentença. Como exemplo dessa caracterização mais semântica das interjeições, tomemos as sentenças abaixo:

- (1) Felizmente, o João chegou.
- (2) Infelizmente, o João chegou.

As sentenças (1) e (2) trazem diferentes advérbios e expressam diferentes “disposições” do falante sobre um mesmo conteúdo⁶ – que João chegou. O que muda é atitude do falante – se ele está feliz, ou não, com o conteúdo veiculado pela sentença. Segundo Ameka (1992), pelo fato de os gramáticos verem contribuições parecidas ao lidarem com interjeições, como atestam os exemplos (3) e (4) abaixo, faz sentido agrupá-las com o tipo de advérbio visto em (1) e (2):

- (3) Eba! O João chegou.
- (4) Vixi! O João chegou.

Tanto as interjeições quanto os advérbios apresentados são voltados ao falante e ao seu estado emocional, por isso, como dissemos, as interjeições foram consideradas pelos gregos como advérbios desse tipo.

Repare que essa classificação é feita com base não apenas no nível de análise semântica, mas também sintática, no sentido de que esse tipo de advérbio e interjeição é independente do restante da sentença; pouco é dito, contudo, sobre os outros níveis de análise linguística, como o fonológico e o morfológico, apesar de, morfológicamente, advérbios e interjeições compartilharem as características de serem inertes e não apresentarem nenhum processo de flexão ou derivação morfológica.

Posteriormente, na gramática latina, as interjeições passaram a ser consideradas como uma parte separada do discurso, uma classe de palavra ou uma parte do discurso autônoma. Segundo Ameka (1992), isso se deu para que a gramática latina mantivesse o “número mágico” – oito – de quantidade de classes de palavras, o mesmo número que a gramática

⁶ Evitaremos aqui entrar em complexas controvérsias sobre o que vem a ser “conteúdo”. Assim, o consideramos simplesmente como sinônimo de “proposição” ou “valor proposicional”. Assim sendo, podemos dizer que (6) e (7), apesar de veicularem diferentes “disposições” (termo também controverso e que merece uma definição pormenorizada) de falantes, expressam a mesma proposição e têm as mesmas condições de verdade. Sobre o que estamos aqui chamando de “disposições”, cf. Potts (2005; 2007), Fortin (2011), entre vários outros.

grega. As interjeições surgiram para chegar às oito classes de palavras (ou partes do discurso⁷). Mais do que simplesmente ser uma tentativa de igualar a quantidade de classes de palavras de ambas as línguas, podemos imaginar que há de fato uma base intuitiva que levou os pensadores a garantirem um lugar específico na gramática para as interjeições.

É importante destacar três pontos principais das análises feitas nas gramáticas latinas, de acordo com Ameka (1992, p. 102): (i) as interjeições são consideradas não-palavras, isto é, pequenos itens que só são usadas como interjeições – como podemos ver, trata-se de uma análise ou classificação no nível morfológico; (ii) as interjeições são sintaticamente independentes, pois podem aparecer sozinhas ou vagamente integradas a uma sentença completa (i.e., que tem, pelo menos, um sujeito e um predicado); (iii) com relação ao seu significado, as interjeições expressam emoções e sentimentos – chegamos assim a uma análise no nível semântico/discursivo⁸.

Para alguns modistas, tais como Martin de Dacia (1220-1304) e Thomas de Erfurt (viveu por volta de 1300), com base na tradição grega, as interjeições têm uma íntima ligação com os verbos, dado que para os autores as interjeições são voltadas para o estado emocional do falante, determinando o estado emotivo do verbo (i.e., a ação, a informação principal) da sentença.

Para outros modistas, como Singer de Courtrai (1283-1309) e Boethius de Dacia (viveu por volta de 1250), as interjeições fazem parte do discurso e são usadas para expressar vários estados de emoções do falante, mas, ao contrário do que afirmavam os gregos, não estão ligadas ao verbo. Portanto Singer e Boethius reconhecem a independência sintática desses itens. Essas observações sobre o comportamento das interjeições contribuíram para a definição que temos hoje nas gramáticas tradicionais.

Segundo Ameka (1992), para John Wilkins (1992) as interjeições são substitutas de sentenças, Wilkins (1992) influenciado por seus antecessores Padley (1985, *apud* Ameka, 1992) sugere que uma interjeição não é uma palavra simples, mas deve antes ser considerada como uma “palavra-frase”, por causa da sua independência sintática. Segundo Wilkins (1992) essa é uma das principais características das interjeições, que as aproximam de algumas classes de palavras e as afastam de outras.

Ao passarmos rapidamente pela história dos estudos das interjeições, notamos que elas foram tratadas em vários níveis de análise: morfológico, sintático, semântico e discursivo.

⁷ As oito classes gramaticais são: nome, verbo, particípio, interjeição, pronome, preposição, advérbio e conjunção (OLIVEIRA, 2012).

⁸ O uso do termo “discurso” aqui remete simplesmente a um nível de análise linguística.

Contudo, como salienta Ameka (1992), entre outros, elas não foram alvo de uma análise fina, recebendo apenas uma descrição frouxa como uma classe de palavras intuitivamente concebida e compreendida.

Por essa e outras razões, Ameka (1992) propõe fazer uma análise desses itens também no nível sentencial, procurando relacionar interjeições a sentenças exclamativas, como ‘Ai!’, ‘Ui!’, ‘Opa!’, e também ‘Ai meu Deus!’, ‘Silêncio!’, ‘Vamos!’. Estas últimas são, às vezes, denominadas de “locuções interjetivas” pela gramática tradicional, e são, em geral, palavras e construções que podem ser usadas em outras construções sintáticas ou em outros contextos que não têm a ver com interjeição; porém, se essas locuções estiverem em condição/posição de interjeição, elas também serão sintaticamente independentes.

Fica claro o desafio de delimitar o campo das interjeições, por isso Ameka (1992) vai sugerir a existência de dois tipos de interjeições e algumas estratégias de classificação para os itens dessa classe. Na sequência, passamos a suas propostas.

1.2. Interjeições primárias

Primeiramente, Ameka (2006, p. 744) propõe uma distinção entre o que ele denomina de “interjeições primárias” e “interjeições secundárias”. As interjeições primárias são aquelas palavras usadas somente como interjeição, não tendo, portanto outros usos. As interjeições secundárias, por sua vez, são palavras de outras classes gramaticais, mas que se comportam como interjeição⁹, ou seja, *podem* ser usadas como sendo sintaticamente independentes e se referem a ações ou estados mentais dos falantes, comportando-se nesses casos como interjeições.

Segundo Ameka (1992) as principais características das interjeições primárias são:

- Little words or ‘nonwords’;¹⁰
- In terms of their distribution can constitute an independent nonelliptical utterance by themselves;
- And not enter into construction with other word classes; (AMEKA, 1992, P.105).

Como exemplos, podemos listar os itens em (5):

⁹ No capítulo 3, voltaremos a essa classificação com um quadro de exemplos mais detalhado.

¹⁰ “Pequenas palavras ou não palavras; Em termos de sua distribuição pode constituir um proferimento independente não elíptico por si; E não participam nas construções com palavras de outras classes” (Tradução nossa).

(5) Ah! Oh! Arre! Psiu! Putz! Oba! Hum! Ufa! Vixi! Ai! Opa! Epa! Uai! Psit!

No entanto, como nota o autor, há outras palavras ou classes de palavras que parecem obedecer alguns dos critérios acima, como é o caso das conjunções¹¹ e marcadores discursivos¹², por isso, o próximo passo de Ameka (1992) é justamente comparar as interjeições e esses itens.

O intuito de Ameka (1992) é mostrar que as interjeições compartilham características semelhantes com outros itens, contudo é possível isolá-las através de outras propriedades gramaticais. A seguir, no exemplo (6), há uma interjeição primária ‘oba’ e, em (7), uma conjunção coordenada sindética conclusiva ‘portanto’:

(6) Oba! Que bom você chegou.

(7) João chegou, portanto vamos almoçar.

Apesar de as conjunções serem pequenas palavras e não participarem de outras classes de palavras assim como as interjeições, as conjunções desempenham um papel bem específico na língua – as conjunções estabelecem uma ligação entre dois termos ou entre orações. E, as conjunções, diferentemente das interjeições, não são palavras-frases, ou seja, não têm independência sintática (a menos que haja material deletado¹³ no contexto particular de seu uso).

A seguir vamos olhar para as interjeições e os marcadores discursivos. No exemplo (8) temos a interjeição ‘ah!’ e na sentença (9) ‘né’:

(8) Ah! O dia está ensolarado.

(9) Foi fácil dessa vez, né?

¹¹ As conjunções são itens linguísticos que estabelecem ligação entre dois termos de uma oração, ou entre orações num período (são as conjunções e os advérbios ou pronomes relativos) (TRASK, 2004). Essa é, essencialmente, a caracterização que encontramos no dicionário de Trask (2004) no verbete “Conjunção” (p.63).

¹² “Marcadores discursivos” é um rótulo amplo que recobre construções que atuam tanto no plano textual, estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala (GORSKI et al.,2004; MARCUSCHI, 1989 *apud* FREITAG, 2007)

¹³ Deleção é um tipo de elipse, em que uma parte ou item linguístico é deletado da sentença, e as informações são recuperadas contextualmente (SAG, 1976).

Embora ‘ah’ desempenhe a função de marcador de discurso, por conectar a sentença seguinte, o ‘né’ não é sintaticamente independente da sentença. No entanto, ‘ah’, sendo uma interjeição, pode vir acompanhada ou não de, uma sem, comprometer sua independência sintática.

Passando ao nível fonético-fonológico, muitas vezes, as interjeições primárias são consideradas não-palavras (do ponto de vista morfológico), e podem apresentar “anomalias fonológicas”, como é o caso quando são compostas por sons que não fazem parte do inventário de fonemas de uma dada língua. Para o caso do PB, podemos pensar em interjeições como ‘psiu’, ‘tsk-tsk’, ‘putz’, ‘irra’, ‘psit’, etc. Apesar de várias conjunções serem também invariáveis e morfológicamente isoladas, elas não apresentam essa “anomalia fonológica”. Como lembra Marcuschi (2007):

As interjeições prototípicas, tais como ‘ah!’, ‘oh!’, ‘Pô!’, etc. não obedecem ao princípio da dupla articulação e só se articulam fonologicamente, mas não morfológicamente e sintaticamente, já que neste caso são holofrásticas e permanecem isoladas do ponto de vista morfossintática (MARCUSCHI, 2007, p.138).

E justamente por causa dessa anomalia fonológica que muitos estudiosos negligenciaram as interjeições, considerando-as como periféricas ao sistema principal de sons de uma língua. Ameka (2006, p. 744) aponta o seguinte “[...] from the point of view of the main sound system of English, these [i.e., as interjeições] are ‘nonwords’”¹⁴. De fato, como Wilkins (1992) argumenta também os demonstrativos e os pronomes, que são elementos dêiticos das línguas naturais, comumente apresentam uma anomalia desse tipo ou, pelo menos, uma peculiaridade fonológica do mesmo tipo, mas ninguém questiona que não fazem parte do núcleo da língua: “[...] no one has ever tried to claim that pronouns and demonstrative are not part of the core of the language”¹⁵ (WILKINS 1992, p. 135).

Portanto, usar o critério de anomalia fonológica não define as interjeições, porque existem outros elementos da língua que também compartilham dessa mesma característica, e, por isso, ela também não serve como critério para isolar tal classe.

As interjeições também apresentam o que podemos chamar de “anomalia morfológica”, pois não apenas não sofrem derivação ou flexão, mas não são identificadas unicamente por um único critério morfológico, como, por exemplo, uma terminação ou um processo que as afeta. Por causa disso, alguns pesquisadores classificam as interjeições junto à

¹⁴ “Do ponto de vista do sistema principal de som do inglês, estes são não palavras” (Tradução nossa).

¹⁵ “Ninguém jamais tentou alegar que os pronomes e os demonstrativos não fazem parte do núcleo da língua” (Tradução nossa).

classe de “partículas”¹⁶ e alguns advérbios. Contudo, como vimos, mesmo contando com essa semelhança morfológica, não é possível agrupar as interjeições junto com os advérbios e as “partículas”, pois essas últimas não são sintaticamente independentes como é o caso das interjeições.

Wharton (2003, p. 175), por exemplo, afirma que “[...] these items [i.e., as interjeições] are non-productive in the sense that they do not inflect and not movable between words-classes”¹⁷. Portanto, estamos novamente diante de apenas mais uma característica das interjeições, e não um critério suficiente e necessário para defini-las.

Segundo Ameka (1992) outra característica das interjeições é que algumas delas são acompanhadas de gestos físicos¹⁸, comumente classificados de “paralinguísticos”. Nesse aspecto, as interjeições estão numa fronteira estreita entre a modalidade verbal e não-verbal da língua (ou linguístico e extralinguístico), e neste sentido estamos num nível de análise pragmático amplo em que o que é levado em consideração é seu uso.

Todavia, é imprescindível fazer uma ressalva neste aspecto levando, em consideração o notável uso de interjeições nas redes sociais, como WhatsApp ou por telefone – meios nos quais as interjeições não estão acompanhadas de gestos e/ou entonação, contudo a informação semântica do item é passada.

Mesmo considerando o uso de gestos que acompanham as interjeições, tal fato não é suficiente para isolá-las – basta pensar em demonstrativos e demais itens dêiticos, como ‘aqui’, ‘ali’, ‘lá’, etc., que são, via de regra, acompanhados de apontamentos e outros tipos de gesto, e nem por isso são considerados interjeições.

Do ponto de vista pragmático, as interjeições podem ser definidas como uma subclasse de itens que expressam atitudes do falante, sua intenção comunicacional, e demandam um contexto obrigatório – nesse aspecto, mas também em outros, as interjeições parecem ter relações próximas com os indexicais (um tema que será muito importante ao longo desta pesquisa). A seguir apresentamos uma comparação entre as interjeições e a classe das “partículas” e, após isso, compararemos interjeições com as “rotinas” (seção 1.2.2.).

¹⁶ Em geral as “partículas” são pronomes átonos e algumas conjunções. Na seção 1.2.1, faremos uma comparação entre as interjeições e as “partículas”.

¹⁷ “Esses itens são não produtivos no sentido de que não se flexionam e não se movem entre as classes de palavras” (Tradução nossa).

¹⁸ Esse é um ponto importante que será um critério de classificação das interjeições, vamos retomar isso no capítulo 3.

1.2.1 Interjeições vs “partículas”

Conforme Ameka (1992):

[...] a particle is a little word which is syntactically dependent on other elements in the clause and is well integrated into the clause in which it occurs. Particles are typically used to express speaker attitudes or perspectives towards a proposition and to modify the illocutionary force utterances¹⁹ (AMEKA, 1992, p.107).

As interjeições também expressam atitudes do falante, são dependentes do contexto e algumas interjeições são específicas para serem usadas quando há um interlocutor – por exemplo, para o uso adequado de ‘Psiu!’ é necessário que haja pelo menos um ouvinte, pois a intenção é de chamar atenção, mas, por outro lado, podemos proferir uma interjeição como ‘Ai!’ mesmo estando sozinhos. Neste caso, não é necessário um interlocutor. Logo, ter ou não um ouvinte presente no contexto pode ser um critério²⁰ para classificar as interjeições, e isso implica que já estamos num nível pragmático de análise, ou seja, em uma classificação funcional das interjeições pelo seu uso.

No entanto, as “partículas” são sintaticamente dependentes e são integradas totalmente nas sentenças proferidas, ao contrário, das interjeições, que são consideradas uma sentença completa, e por isso são vagamente integradas à sentença, pois são unidades com entonação própria. Por essa razão, não é possível considerarmos as interjeições como uma subclasse das “partículas”.

1.2.2 Interjeições e “rotinas”

Segundo Ameka (1992) a classe das “rotinas” ou “fórmulas”²¹ é sintaticamente dependente, e está vinculada a situações específicas e a funções pragmáticas que têm relação com contextos linguísticos ou extralinguísticos particulares, como início de conversa. As

¹⁹ “Uma partícula é uma pequena palavra que é sintaticamente dependente de outros elementos na oração e está bem integrada na oração em que ela ocorre. As partículas são tipicamente usadas para expressar atitudes do falante ou perspectivas no sentido de uma proposição e modificar a força ilocucionária dos proferimentos” (Tradução nossa).

²⁰ Esse e outros critérios irão aparecer ao longo do capítulo 1 e 2; eles serão trabalhados cuidadosamente no capítulo 3.

²¹ Ou também denominada por Moraes (2008) “fórmulas de rotinas”.

“rotinas” são expressões que são previsíveis em certas situações de comunicação e interações sociais específicas. Exemplo:

(10) Ela disse *obrigada* a ele, quando recebeu o dinheiro.

Também não é incomum uma situação em que uma interjeição é usada como “rotina”:

João cumprimentando Pedro:

(11) João: opa!

Neste caso, a interjeição pode entrar neste tipo de construção, porém não é considerada interjeição primária, mas uma expressão de “rotina”, uma vez que, as interjeições se referem ao estado emocional do falante (entre outras funções) e as “rotinas” são normalmente vistas como regras de bom comportamento social, ou seja, relacionado à polidez.

Apesar de compartilharem características comuns, mais uma vez, não é possível agrupar as interjeições ao grupo das “rotinas”, pois as últimas se referem a uma classe de itens e construções específicas relacionadas a certos comportamentos sociais.

Abaixo apresentamos uma tabela com definições resumidas das classes das “partículas” e “rotinas” e exemplos encontrados em gramáticas tradicionais. Como podemos ver, em geral, são definições vagas e, por isso, pesquisadores agruparam as interjeições com essas classes, mas, como dissemos, existem características que são próprias das interjeições, tornando-as uma classe de palavras única.

“Partículas”: são vocábulos gramaticais genéricos de pequeno porte, normalmente átonos, como pronomes (‘me’, ‘te’), preposições (‘a’, ‘com’, ‘de’) e conjunções (‘que’, ‘se’).
“Rotinas” ou “fórmulas”: são expressões que estão ligadas à situação de comunicação, como: ‘obrigada’, ‘desculpa’, ‘tchau’.

Quadro 1.1: Definição de partículas e “rotinas” ou fórmulas

FONTE: Ameka (p. 108,1992)

Depois de apresentar um pouco das dificuldades enfrentadas por quem tenta definir linguisticamente as interjeições primárias, na seção seguinte, discutiremos alguns dos problemas colocados pelas interjeições secundárias, bem como sua conceitualização.

1.3. Interjeições secundárias

Ameka define as interjeições secundárias como “[...] those words which have an independent semantic value but can be used conventionally as utterances by themselves to express a mental attitude or state”²² (1992, p. 111). Exemplo:

(12) Maravilha! Que bom que você chegou.

Ameka atribui às mesmas características das interjeições primárias para as secundárias, (i.e., são sintaticamente independentes; não sofrem flexão ou derivação morfológica; entre outras já vistas). As interjeições secundárias são itens de outras classes de palavras que se comportam como uma interjeição.

É importante trazer à tona, na discussão sobre interjeições secundárias, a definição de locução interjetiva, que segundo a gramática tradicional é um conjunto de duas ou mais palavras com o valor de interjeição (SACONI, 1990, p. 278).

Como vimos, Ameka define as interjeições secundárias como sendo pelo menos uma ou mais palavras que tenham um valor semântico próprio e que se comportam como interjeição. Portanto, temos uma possível sobreposição entre as definições de interjeição secundária e locução interjetiva; contudo, a questão não é somente a quantidade de palavras (uma, duas, ou mais) para a classificação de itens nessas duas categorias, mas sim quais são as características que essas palavras têm para serem enquadradas como interjeição secundária ou locução – mais uma vez, nos deparamos com a falta de uma definição mais elaborada das interjeições.

Abaixo, apresentamos um quadro esquematizando as interjeições secundárias e as locuções interjetivas.

	Simple	Composto
Interjeição Secundária	Viva!	Meu Deus!
Locução Interjetiva	_____	Minha Nossa!

Quadro 1.2: Comparação entre interjeição secundária e locução interjetiva

²² “Essas palavras que têm um valor semântico independente, mas podem ser usadas convencionalmente como proferimento por si próprias para expressar um estado mental do falante” (Tradução nossa).

É importante ressaltar que as interjeições formam uma classe heterogênea, mas, ao contrário do que as gramáticas tradicionais afirmam não é uma classe totalmente aberta, uma vez que as interjeições primárias formam uma classe fechada, sendo que são itens que atuam somente como interjeição, mas, por outro lado, as interjeições secundárias formam uma classe aberta, dado que são palavras de outras classes que constituem essa classe.

Também temos que salientar que nem todas as classes de palavras podem ter algum candidato à interjeição, pois as classes lexicais, por exemplo, substantivos, adjetivos, advérbios têm mais probabilidade de ter alguma palavra que se comporte como interjeição, ao contrário das classes gramaticais, como conjunções, preposições, entre outras.

A seguir, apresentaremos uma discussão sobre o fato de alguns autores considerarem as interjeições como estando na “periferia” da língua.

1.4. Caráter periférico das interjeições

É comum que se afirme que as interjeições são periféricas à língua, como na afirmação abaixo de Leech (1982, *apud* Ameke, 1992):

Interjections are rather peripheral to language: words like *ugh*, *phew*, *oh*, *ah*, and *ouch* are linguistically somewhat primitive expressions of feeling, only loosely integrated into the linguistic system. We can include here too swear words (*damn* etc), greetings (*hello*) and other signaling words like *goodbye*, *yes*, *no*, *okay* etc²³ (LEECH, 1982, P.53, *apud* AMEKA, 1992).

Afirmar que as interjeições são periféricas à língua (ou primitivas) é também dizer que são (exclusivamente) paralinguísticas, e quem argumenta a favor dessa posição considera que as interjeições têm uma maior relação com a modalidade não-verbal em detrimento à modalidade verbal (visão não conceitualista).

As outras razões para defender esse ponto de vista são os fatos de elas serem sintaticamente independentes, pois nenhuma outra classe de palavras é uma sentença por si (quando isso é possível, estamos, em geral, diante de algum tipo deleção, ou seja, um item

²³“Interjeições são bastante periféricas à linguagem: palavras como *ugh*, *ufa*, *oh*, *ah*, e *ai* são linguisticamente expressões um tanto primitivas de sentimentos, apenas vagamente integrados ao sistema linguístico. Podemos incluir aqui também palavrões (*maldito* etc), saudações (*Olá*) e outras palavras de sinalização como um *adeus*, *sim*, *não*, *ok* etc.” (Tradução nossa).

deletado da sentença que é recuperado contextualmente), além disso, a forma fonológica e morfológica das interjeições é bastante peculiar.

Contudo, como vimos acima, outros itens linguísticos compartilham, em maior ou menor grau, algumas dessas características, e nem por isso são considerados paralinguísticos. Logo, o mesmo raciocínio pode ser aplicado às interjeições, diminuindo a força dos argumentos de quem as considera como itens paralinguísticos.

Há ainda alguns pesquisadores que incluem na classe das interjeições as onomatopeias e os ideofones. Mas há também importantes distinções entre as interjeições, as onomatopeias e os ideofones. As onomatopeias são palavras descritivas que imitam os sons, ao passo que os ideofones também são palavras descritivas que estão relacionadas aos sons, mas representam ações, como som de um tiro ('bang'), ao contrário das interjeições que, em geral, expressam estados mentais e emocionais.

Mais uma vez, vemos as dificuldades em incluir as interjeições em outras classes de palavras, ao mesmo tempo em que sua natureza ímpar dificulta uma definição concisa de uma classe. Abaixo um quadro com a definição e exemplificação de onomatopeias e ideofones.

Ideofone: são palavras que descrevem um predicado, qualificativo ou advérbio, relativamente ao modo, à cor, ao cheiro, à intensidade, à dor, ao tamanho, etc. (ARAÚJO, 2009, p. 24). Exemplos: 'boom', 'bang', etc.

Onomatopeia: uma unidade léxica criada por imitação de um ruído natural. (DUBOIS et al, 1973) . Exemplos: 'atchim'; 'tic tac'; 'cri cri', entre outros.
--

Quadro 1.3: Definição de ideofones e onomatopeia

Posto, nesta seção, toda a problemática de lidar com as interjeições, as comparações entre as conjunções, "partículas", "rotinas", onomatopeias e ideofones e o levantamento das características dessa classe, a seguir, apresentaremos uma classificação de Ameka (1992) de acordo com seus critérios.

1.5. Classificação semântico-funcional das interjeições

Ameka (1992) propõe uma classificação para as interjeições baseada em funções específicas de comunicação, com base em três categorias: expressiva, conativa e fática²⁴.

As interjeições expressivas são caracterizadas por gestos vocálicos que são sintomas do estado mental do falante, e são divididas em dois grupos: as emotivas e as cognitivas. As emotivas expressam as emoções do falante num dado momento, como nos exemplos abaixo:

(13) Ai! Que dor.

(14) Uau! Que carro lindo.

Por sua vez, as interjeições expressivas cognitivas veiculam estados de compreensão ou outros estados mentais do falante:

(15) Ah! Agora entendi

(16) Puxa! Lembrei.

As interjeições conativas são expressões dirigidas a um locutor, destinada a atrair sua atenção, ou exigem sua ação ou resposta:

(17) Psiu! Venha cá.

(18) Silêncio!

Finalmente, as interjeições fáticas são usadas para manter o fluxo da conversa, isto é, consistem em um sinal de atenção enviado; seria como uma resposta ao locutor.

(19) Hum!

(20) Ahh!

Para um uso adequado, tanto das interjeições conotativas quanto das fáticas, é obrigatória à presença de um ouvinte; contudo, tal exigência não se faz necessária para o caso das interjeições expressivas. Como resumo desta seção, apresentamos o quadro abaixo:

²⁴ No capítulo 3, vamos voltar a usar esses critérios no nosso quadro de interjeições.

	Interjeição Primária	Interjeição Secundária	Necessidade de ouvinte ²⁵
Expressiva	Ai! Ufa! Irra! Ui! Upa!	Puxa! Tomara! Credo! Meu Deus!	Não
Conativa	Psiu! Putz! Shh! Opa!	Silêncio! Adeus! Basta! Vamos! Força!	Sim
Fática	Hum! Ah!	Entendi! Claro! Sei!	Sim

Quadro 1.4: Classificação das interjeições segundo Ameka (1992)

O trabalho de Ameka (1992) é um dos mais importantes exemplos da abordagem conceitualista, e não é ao acaso que é citado em outros trabalhos de análises linguísticas similares. Como podemos vislumbrar a partir do que apresentamos, os resultados a que Ameka chega, apesar de ajudarem a organizar as interjeições, não são conclusivos. Na verdade, tais concepções são, de fato, mais uma exposição de problemas do que propriamente uma definição, necessária e suficiente, da categoria de interjeição.

Podemos ressaltar que a classe das interjeições pode ser vista simplesmente como mais um exemplo da enorme dificuldade que encontramos ao tentarmos definir qualquer classe de palavra (ou parte do discurso) – basta nós nos lembrarmos das dificuldades envolvidas em separarmos, através de um único critério, as classes de adjetivo e substantivo em PB. Se isso estiver correto, não haveria, em princípio, nada de especial com os problemas colocados pela classe das interjeições; elas apenas foram, talvez, menos estudadas e, assim, aparentemente, são mais difíceis de serem definidas do que itens pertencentes a outras classes.

Essa é, de fato, uma das premissas da abordagem conceitualista para as interjeições. A defesa de tal abordagem pode justamente chegar a uma definição de interjeição, ou mostrar que os problemas colocados por essa classe não são qualitativamente diferentes do que os que temos para as outras classes de palavras. E o trabalho de Ameka (1992) faz exatamente esses dois movimentos.

²⁵ Com isso queremos dizer que um interlocutor necessariamente precisa estar presente (ou ao telefone, como receptor de uma mensagem de texto, etc.) para o emprego de uma dada interjeição. Em casos como ‘ai!’, o interlocutor pode, mas não precisa, estar presente.

1.6 Conclusão

Neste primeiro capítulo, vimos os problemas que estão envolvidos na definição e conceitualização da classe das interjeições e nos deparamos com interessantes observações. Primeiramente, (i) que as interjeições podem ser tratadas numa visão conceitualista, portanto, elas constituem uma classe heterogênea da língua; (ii) a classificação elaborada por Ameka (1992), interjeição primária e secundária, nos fornece os primeiros parâmetros de como lidar com essa classe, sendo uma classificação importante que é levada em consideração até por autores de uma perspectiva não conceitualista; (iii) os exercícios de comparação entre as interjeições e os grupos de palavras denominados de “partículas”, “rotinas”, conjunções, onomatopeias e ideofones nos fornecem argumentos para defendermos que as interjeições formam uma classe e possuem propriedades próprias. A partir de tudo isso, podemos realizar uma descrição mais refinada desses itens.

Ameka (1992) nos fornece uma direção a ser seguida para uma pesquisa mais cuidadosa das interjeições; portanto, no capítulo a seguir, estreitaremos uma relação entre as interjeições e os indexicais partindo da perspectiva de Wilkins (1992).

CAPÍTULO 2

2. AS INTERJEIÇÕES COMO INDEXICAIS

Introdução

Neste capítulo, nosso objetivo é apresentar uma análise da contribuição do significado das interjeições nos moldes da semântica e da pragmática formal das línguas naturais, argumentando que elas podem ser analisadas como um tipo particular de indexical, um expressivo. Para tanto, este capítulo organiza-se da seguinte maneira: na seção 2.1, apresentaremos a proposta de Wilkins (1992) que trata as interjeições como dêiticos/indexicais; em seguida, na seção 2.2, traremos a teoria de indexicais de Kaplan (1989), principalmente suas ideias sobre contexto e sobre as funções caráter e conteúdo; na seção 2.3, definiremos os expressivos, um tipo de indexical, e apresentaremos argumentos a favor de tratar as interjeições como expressivos; finalmente, na seção 2.4, apresentaremos nossa análise das interjeições como indexicais expressivos. É importante, desde já, deixar claro que neste capítulo não faremos uma abordagem de todas as interjeições do PB, mas apontaremos, com exemplos de análises, linhas gerais de como proceder para tanto.

2.1. Interjeições e sua definição

Entre os conceitualistas, Wilkins (1992) talvez tenha sido o primeiro trabalho a propor uma estreita relação, de modo mais detalhado, entre interjeições e indexicais. A abordagem dá grande relevância à independência sintática das interjeições; boa parte de seus elementos serão importantes para nossa proposta, que será exposta na seção 2.4.

O trabalho de Wilkins aparece num volume do *Journal of Pragmatics*, de 1992, dedicado especialmente às interjeições. Seu texto, intitulado “*Interjections as deictics*”, além de levantar uma série de questões interessantes sobre os estudos das interjeições, traz uma análise que salienta paralelos até então pouco considerados entre as interjeições e itens indexicais (dêiticos).

Wilkins (1992) inicia sua discussão salientando o fato de as interjeições serem sintaticamente independentes e autônomas, e “valerem por uma sentença”²⁶. Contudo, como o autor imediatamente nota, segundo a sintaxe e a semântica, as sentenças, em geral, são compostas por sujeito e predicado, colocando de saída um problema para a independência sintática das interjeições²⁷, pois as interjeições não têm nenhum dos dois, sendo, cada uma delas, uma única “palavra”²⁸. Apesar de essa aparente dificuldade (ou contradição) em se tratar interjeições como sentenças, Wilkins (1992) avança uma série de argumentos a favor dessa posição, como veremos mais adiante.

Se considerarmos as interjeições como sendo sentenças, é necessário, em primeiro lugar, definir claramente o que é uma sentença, e quais são os seus componentes mínimos (sintaticamente). É até certo ponto consensual que uma sentença seja uma estrutura que corresponde a (pelo menos) uma proposição, e que contenha dois elementos: argumentos e predicados. Estamos diante de uma sentença quando temos, minimamente, um predicado com todos os seus argumentos preenchidos. Porém, as interjeições não possuem, num primeiro olhar, nenhum dos dois – nem argumentos nem predicados –, pois são apenas um item lexical (ou lexema)²⁹. Sendo assim, como então considerar as interjeições como sentenças?

É importante, neste ponto, relacionar argumentos e predicados com a estrutura de sentenças e proposições. Do ponto de vista semântico, um predicado é tomado como uma função, e os argumentos sentenciais são os argumentos que servem de *input* às funções que os predicados denotam. Para termos uma proposição, em geral, temos uma sentença que nada mais é do que um predicado com seus argumentos preenchidos. Portanto, toda proposição

²⁶ Vamos considerar, em princípio, que as interjeições são sintaticamente independentes de outra sentença ou de outros elementos linguísticos. Contudo, há casos diferenciados, como ‘tomara’ que pede um complemento que pode ser proferido pelo falante ou ser recuperado contextualmente, por exemplo, ‘tomara que chova amanhã’. Voltaremos a essa questão adiante, no capítulo 3 seção 3.4..

²⁷ Vamos trabalhar a ideia de sentença como uma estrutura que tem argumento e predicado; porém, podemos definir semanticamente uma sentença como algo que tenha valor de verdade. Assim, ‘pedra’ se refere ao conjunto de pedras e não é uma sentença; ‘cair’ se refere ao conjunto das coisas que caem e não é uma sentença (ou ao conjunto de eventos de queda); ‘a’ é um determinante e se refere a uma relação e não é uma sentença; mas ‘a pedra caiu’ se refere a um valor de verdade (verdadeiro se a pedra caiu no mundo de avaliação, e falso nos outros mundos) e é, portanto, uma sentença. Então temos a junção do aspecto sintático e semântico. Contudo, não podemos aplicar o mesmo raciocínio para as interjeições, pois, sintaticamente, elas são independentes de outra sentença; porém, elas não possuem valor de verdade, elas são consideradas itens uso-condicionais (GUTZMANN, 2013), pois elas não possuem conteúdo descritivo, apenas expressivo. Essa noção será desenvolvida no capítulo 4.

²⁸ Mesmo as “locuções interjetivas” podem ser consideradas, semanticamente, como um único item, pois sua interpretação não é estritamente composicional.

²⁹ Lexema é uma ou várias palavras (locução) que têm o mesmo significado e não possuem o mesmo sentido separadas. Logo, lexema é compatível com a definição de interjeição secundária, como vimos na seção 1.3. do capítulo 1. (Dicionário Oxford, online, disponível em <https://en.oxforddictionaries.com/definition/lexeme> acesso em 02 de maio de 2018).

exige argumentos que preenchem as posições de sua função (contraparte do predicado na sentença), conforme o esquema³⁰ abaixo, que relaciona sintaxe e semântica:

		João	ama	Maria
(sintaxe)	SENTENÇA	argumento 1	predicado	argumento 2
(semântica)	PROPOSIÇÃO	argumento 1=j	função	argumento 2=m

Proposição expressa: AMA(j, m)

Como podemos ver com esse esquema, ainda que bastante simplificado, há uma correspondência entre os elementos nos níveis sintático e semântico. Para a representação da proposição, usamos uma notação baseada em funções, comum na semântica formal das línguas naturais, por isso a representação “AMA(j, m)”, na qual “AMA(x, y)” está pela função correspondente ao predicado ‘amar’, e “j” e “m”, respectivamente, por João e Maria, os dois argumentos que, nessa ordem, preenchem a função.

É possível, contudo, que certas sentenças não tragam todos os elementos necessários para estruturarmos uma proposição, e, nesses casos, tais elementos, e as informações que trazem, podem (ou devem) ser recuperadas pelo contexto³¹. Consideremos o esquema abaixo:

		João	beijou	∅
(sintaxe)	SENTENÇA	argumento 1	predicado	argumento 2
(semântica)	PROPOSIÇÃO	argumento 1=j	função	argumento 2=x

Proposição expressa: BEIJOU (j, ∅)

Nesse exemplo, como podemos ver, há um espaço não preenchido na estrutura, representado por “∅”. Contudo, quando essas situações acontecem, recuperamos contextualmente a informação que deveria estar no lugar de “∅”, e assim dizemos que essa informação está deletada ou não pronunciada, sendo recuperada/pode ser recuperada contextualmente. Desse modo, na interpretação semântica final, que se vale de informações contextuais, substituiremos “∅” por tal informação.

³⁰ Utilizamos aqui representações simplificadas, baseadas em cálculo de primeira ordem, apenas com o intuito de ilustrarmos nossa argumentação.

³¹ A ideia de “contexto”, nesse caso, remete ao que é conhecido nas semânticas dinâmicas como “fundo conversacional compartilhado”, ou seja, informações que os participantes da conversa sabem (e sabem que os demais sabem); cf. Chierchia, 2003. Não se trata, é importante observar, da mesma noção de contexto proposta por Kaplan (1989), que veremos mais adiante.

Quando não é possível recuperarmos uma informação que não é dada explicitamente na sentença, não podemos dizer que temos uma proposição, justamente pelo fato de a estrutura proposicional estar “aberta” ou “incompleta”. Sendo assim, nosso exemplo de “João beijou”, justamente por não resolver a informação da posição deletada, não expressa uma proposição.

Em resumo, em sentenças que contêm elementos deletados, eles devem ser recuperados pelo contexto para assim chegarmos à proposição sendo expressa, e, muitas vezes, tal informação é buscada num nível extralinguístico, como apontamentos, gestos ou até mesmo entonação da voz.

Segundo Wilkins (1992), a mesma ideia pode ser aplicada para o caso das interjeições, pois, para chegarmos à informação que veiculam temos que recorrer ao contexto extralinguístico.

Dado que no contexto de proferimento temos elementos semânticos e pragmáticos que devem ser levados em conta para interpretação da interjeição, aproximamos assim as interjeições dos elementos indexicais, já que ambos recuperam informações contextuais.

Como explicitado anteriormente, Wilkins (1992) propõe recuperar o argumento das interjeições indexadas no contexto extralinguístico, para que os itens de fato tenham o mesmo valor e funcionamento de uma sentença.

Quando o falante diz ‘oba!’, por exemplo, é possível inferir que há um locutor (eu); que veicula certa informação (eu estou feliz!); em algum lugar (aqui); num dado momento (agora) – todas essas informações são recuperadas do contexto de proferimento, mais a informação convencional, ligada à ‘oba!’, é a que se refere a um estado emocional positivo. Somadas todas as informações contextuais, é possível afirmar que a interjeição veicula um sentimento de excitação por parte do falante (com relação a um evento, por exemplo).

Podemos também, ainda de modo simplificado, aplicar o esquema acima a uma interjeição como ‘oba!’, ainda que as interjeições não tenham conteúdo proposicional este recurso é forma de descrevê-las, assumindo que a parte semântica se refere ao seu uso. Admitindo que este item veicula uma informação semântica similar a ‘estar contente’³²:

³² Na seção 2.2. voltaremos a esse esquema com informações adicionais.

oba!

(sintaxe)	SENTENÇA	argumento 1	predicado
(semântica)	PROPOSIÇÃO	falante	função

Proposição expressa: ESTAR_CONTENTE(falante)

Alguns dos itens indexicais, em particular pronomes e demonstrativos são acompanhados por gestos, apontamentos, entonação específicas; por exemplo, com o pronome ‘ele’, o falante pode apontar para a pessoa a quem se refere, e o uso demonstrativo de ‘isso’ só pode ser compreendido, via de regra, com um apontamento que o acompanha. O mesmo se dá com algumas interjeições: quando proferir a interjeição ‘silêncio!’, o falante pode fazer o uso de um apontamento com o dedo indicador levantado na direção da boca, ou proferir ‘ai!’ acompanhado de um gesto da mão no local do corpo em que está sentindo dor.

O trabalho de Wilkins (1992) traz uma nova e interessante perspectiva sobre como tratar as interjeições. No entanto, a ideia de pensar em interjeições como indexicais apresentada pelo autor, a nosso ver, é um ponto de partida importante que ainda deixa algumas questões importantes a serem ainda resolvidas, por exemplo, (a) como lidar com indexicais? e (b) qual é natureza da informação semântica veiculada pelas interjeições? Na seção 2.2, responderemos à primeira dessas perguntas com a teoria de indexicais de Kaplan (1989), e na seção 2.3 argumentaremos que a informação das interjeições está no que é conhecido como a “dimensão expressiva” do significado.

2.2. A teoria de indexicais de Kaplan

Em seu pioneiro trabalho, intitulado “*Demonstratives*”, e publicado em 1989, o filósofo e lógico David Kaplan postulou talvez o que seja ainda a principal teoria formal sobre itens indexicais nas línguas naturais. Seu trabalho é extremamente importante por tratar, sob o escopo de uma mesma teoria, aspectos semânticos, lógicos, epistemológicos e metafísicos dos itens indexicais.

Os indexicais são itens linguísticos cuja referência varia em função do contexto; a interpretação de tais itens nos direciona para certas características do contexto, com o objetivo de fixar seu referente num dado proferimento. Segundo Kaplan (1989), os indexicais

exploram o contexto de fala, ou de proferimento, de uma maneira específica, de modo a encontrarem seu referente e então fazem sua contribuição proposicional.

Entre os itens considerados indexicais³³, Kaplan (1989, p. 491) propõe que haja duas categorias: (a) os indexicais puros e (b) os indexicais impuros ou demonstrativos verdadeiros. Abaixo, podemos ver as definições trazidas pelo autor aqui adaptadas:

(a) Indexicais puros: expressões que obtêm seu valor semântico através de alguma característica do contexto de proferimento, sem precisar de gestos de apontamento para o referente. Ex.: ‘eu’, ‘amanhã’, ‘agora’, etc.;

(b) Indexicais impuros ou demonstrativos verdadeiros: expressões que precisam do contexto para ser interpretados e de um gesto de apontamento. Ex.: ‘isso’, ‘aqui’, ‘ele’, etc.

Dado que na teoria kaplaniana o contexto é responsável por fixar os valores semânticos dos indexicais, podemos justamente olhar para quais são esses valores, segundo propõe o autor, para então chegarmos à sua ideia de contexto e do inventário básico de itens indexicais. Os indexicais ganham uma interpretação ao identificar quem é o agente (c_a), o ouvinte (c_o), o tempo (c_t), o lugar (c_l), e o mundo (c_w) de um dado contexto.

Portanto, uma saída interessante é exatamente considerar o contexto como uma unidade informacional composta por informações como o agente, o ouvinte, o tempo, o lugar, e o mundo possível do contexto (outras informações podem ser posteriormente inseridas, mas essas seriam o mínimo).

Na teoria de Kaplan, cada uma dessas informações é chamada de coordenada do contexto, e o próprio contexto é, por sua vez, representado como uma ênupla ordenada que traz as informações mencionadas acima:

$$C = \langle c_a, c_o, c_t, c_l, c_w \rangle$$

O papel do contexto seria fixar os valores dos indexicais de um dado proferimento, e uma vez fixados esses valores, os proferimentos que contêm indexicais podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos a depender de outros parâmetros, chamados por Kaplan de “circunstâncias de avaliação”, que são, na verdade, um mundo possível e um tempo.

³³ Ainda é uma questão complexa saber qual é o inventário dos itens indexicais (às vezes chamadas de “dêiticos”) das línguas naturais, mas entre eles são considerados alguns advérbios (‘aqui’, ‘hoje’), adjetivos (‘atual’), pronomes (‘eu’, ‘você’), os morfemas temporais dos verbos, etc. Se nossa análise estiver correta, as interjeições devem também figurar entre os indexicais.

Dito de outro modo, o contexto é responsável por fixar os valores semânticos dos indexicais, e, uma vez fixados esses valores, os proferimentos que contêm indexicais podem ser verdadeiros ou falsos a depender das circunstâncias de avaliação relevantes.

Kaplan (1989, p. 492) traz os dois princípios fundamentais para sua teoria:

Princípio 1: o referente de um indexical puro depende do contexto e o referente de um indexical impuro depende de uma demonstração a ele associada.

Princípio 2: indexicais, puros e impuros, são diretamente referenciais³⁴.

Assim, Kaplan (1998) justifica a dependência dos indexicais de informações específicas do contexto, postulando duas funções para sua computação semântica: o *caráter* e o *conteúdo*.

Para chegar ao valor semântico de uma sentença, computamos as informações do caráter, do contexto, e depois o seu conteúdo, como no esquema abaixo (cf. Schlenker, 2010, p.7):

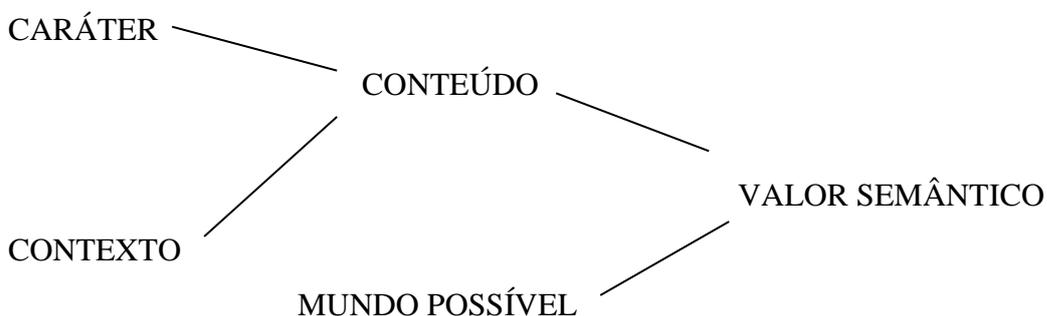


Figura 2.1: Esquema de caráter e conteúdo

Ou seja, o caráter é uma função que associa a cada indexical um conteúdo a partir de um dado contexto – é uma função de contexto para conteúdo. Por sua vez, o conteúdo, que é uma função de mundos possíveis (e tempos) para valores de verdade, responde pelo valor semântico dos itens e estruturas linguísticas.

Se alguém profere “eu sou rica” essa sentença só pode ser avaliada como verdadeira ou falsa no mundo possível em consideração, quando o valor de ‘eu’ for fixado, para tanto são necessárias informações contextuais. Por exemplo, se foi Maria que disse ‘eu sou rica’ em *w*, a sentença é verdadeira. Uma vez que o valor de ‘eu’ é fixado através do caráter de um

³⁴ Para Kaplan (1989), um termo diretamente referencial é um termo que encontra seu referente sem a necessidade de mediação de algo como o sentido fregeano.

contexto, podemos afirmar se a sentença é verdadeira ou falsa, já que ‘eu’ é uma função variável.

Os indexicais são sensíveis ao caráter, pois o conteúdo varia conforme o contexto, por outro lado, um item não indexical tem caráter fixo, já que o conteúdo é o mesmo em todos os contextos (KAPLAN, 1989). A teoria de Kaplan não aborda somente os indexicais, mas todas as sentenças podem ser tratadas através das funções caráter e conteúdo, de modo que o caráter será uma função constante quando não é aplicada a indexicais.

A teoria de Kaplan (1989) é certamente mais complexa do que apresentamos aqui – não lidamos, por exemplo, com as noções de contexto próprio e impróprio, nem com a existência de operadores-monstro, com contextos de fala reportada, ou com indexicais desviados/alterados entre outros problemas³⁵ – e tal abordagem tem vários desdobramentos semânticos e filosóficos que vão para além do que podemos explicitar aqui.

Nosso interesse na teoria kaplaniana – na verdade, numa teoria sobre indexicais e a de Kaplan (1989) é certamente a mais importante e reconhecida delas – é tentar descrever as interjeições do PB como se fossem itens indexicais.

Nesse sentido, uma interjeição como ‘oba!’, quando proferida num dado contexto, leva em conta o agente desse contexto, e expressa que esse agente está num estado positivo, de contentamento. Adaptando o esquema que vimos na seção 2.1. para ‘oba!’, temos agora:

		oba!	
(sintaxe)	SENTENÇA	argumento 1	predicado
(semântica)	PROPOSIÇÃO	c_a	função
Proposição expressa: ESTAR_CONTENTE(c_a)			

Mais do que depender do contexto, e, portanto ter uma natureza indexical, a informação semântica, veiculada por uma interjeição, apresenta uma série de peculiaridades; e é a elas que nos voltamos na próxima seção.

³⁵ Podemos citar aqui os trabalhos de mestrado e doutorado respectivamente de Lovania Roehrig Teixeira “Indexicais e operadores-monstros no português brasileiro” de 2012 e “Os demonstrativos: uma análise semântico-pragmática baseada em situações” de 2017, e o trabalho de mestrado de Felipe Manca Dal Aval “Indexicais descritivos: uma investigação semântico-pragmática” de 2018.

2.3. Interjeições e expressivos

Em 1999, o filósofo David Kaplan proferiu uma palestra na Universidade de Berkeley, Califórnia, cujo conteúdo, apesar de nunca publicado³⁶, trouxe importantes ideias que formaram a base, por exemplo, das teorias que lidam com os chamados itens expressivos das línguas naturais, expressos, entre outros recursos, por epítetos, diminutivos, termos ofensivos, interjeições, etc.

Segundo Kaplan (2004) a principal característica do significado expressivo é que ele não pode ser avaliado por suas condições de verdade, e remete a significados que estão, direta e exclusivamente, ligados a quem usa um expressivo – ao agente do contexto kaplaniano (c_a), portanto para ilustrar o funcionamento de expressivos, Kaplan (2004) usa testes baseados em argumentos de validade lógica, como o que traduzimos e adaptamos abaixo:

Argumento 1:

Premissa: O canalha do João foi promovido.

Conclusão: João foi promovido.

Argumento 2:

Premissa: João foi promovido.

Conclusão: O canalha do João foi promovido.

O primeiro argumento é válido, ao passo que o segundo não. E é justamente para explicar essa diferença que o autor lança mão dos conceitos (agora já comuns em semântica e pragmática formais das línguas naturais) de conteúdos descritivos e conteúdos expressivos.

Como seus próprios nomes indicam itens com conteúdo *descritivo* descrevem algo e são responsáveis pelas sentenças declarativas, constituindo boa parte daquilo com o que os semanticistas lidam.

Por sua vez, as expressões com conteúdo *expressivo* expressam ou apresentam algo, independentemente do valor de verdade, e são expressivamente corretas se o que expressam ou apresentam é um caso convencionalizado pelo uso.

Kaplan (2004) lança essas ideias analisando inclusive algumas interjeições do inglês, como ‘*ouch*’ e ‘*oops*’. Nesta pesquisa, não exploraremos todas as ricas ideias expostas pelo

³⁶ Usamos aqui uma transcrição da palestra feita em 2004, e citaremos seu conteúdo como Kaplan, 2004.

autor, mas notamos que temos aqui uma saída para analisar o conteúdo semântico de uma interjeição³⁷, ou seja, para podermos de fato dar uma base para a abordagem conceitualista – a ideia então é que interjeições tenham, sim, significado, mas que ele é expressivo e não descritivo.

Outro autor que também lida com o conteúdo expressivo de certos itens é Potts (2005; 2007), seguindo de perto vários *insights* kaplanianos, Potts (2005; 2007) apresenta vários testes que servem para identificar e caracterizar o significado expressivo, mesmo não lidando diretamente com interjeições (o autor lida com honoríficos, orações relativas apositivas, intensificadores, alguns palavrões, entre outras construções).

E justamente para trazer tais testes e argumentar que as interjeições têm conteúdo expressivo, vamos, na sequência, aplicá-los as interjeições do PB, os testes são: independência, não-destacabilidade, dependência da perspectiva, infabilidade descritiva, imediatismo e repetibilidade (POTTS, 2005; 2007).

1. Independência: o conteúdo expressivo pode ser modificado, acrescido de novas informações ou removido sem que isso afete o conteúdo principal da sentença, ou seja, a proposição principal (descritiva) independe do conteúdo expressivo:

(1) João: Ufa! A professora saiu.

(2) João: Oba! A professora saiu.

(3) João: Que pena! A professora saiu.

Temos o mesmo conteúdo principal – i.e., ‘a professora saiu’ – em todas as sentenças consideradas, mas diferentes visões do falante diante do fato “a professora saiu”. Portanto, independentemente do conteúdo expressivo veiculado na sentença a proposição principal não se altera.

2. Não-destacabilidade: o conteúdo expressivo ser não-destacável se refere à ligação que ele tem com o falante que profere a sentença e com o ato de proferimento específico no qual o item foi usado. A ideia, *grosso modo*, é que os expressivos não poderiam, por exemplo, se referir ao falante de um discurso reportado de modo indireto justamente porque se ligam ao agente do proferimento:

³⁷ No capítulo 4 nós dedicaremos ao conteúdo expressivo das interjeições seguindo o trabalho de Gutzmann (2015).

- Conteúdo descritivo

(4) João: Esse filme é longo.

(5) Maria: João disse que esse filme é longo.

- Conteúdo expressivo

(6) João: Opa!

(7) ?? Maria: João disse que opa!

Mais à frente (na seção 2.4) voltaremos ao uso de interjeições (e também indexicais) em discurso reportado; por ora, interessa o contraste, nesses contextos, entre itens expressivos e itens descritivos.

3. Dependência da perspectiva: ainda que no item anterior tenhamos apontado que o uso do expressivo está diretamente ligado ao falante que profere uma dada sentença, há casos e contextos específicos em que a expressividade de outra pessoa pode se fazer presente.

(8) Maria: João disse “oba!” ao ver a professora, mas eu disse “droga!”.

É necessário marcar claramente a perspectiva de qual falante se trata, e fazer uso de *discurso direto*. Tal possibilidade indica que, via de regra, que os itens expressivos reporta o conteúdo expressivo e estão ligados ao falante.

4. Inefabilidade descritiva: outra propriedade distintiva dos expressivos é o fato de não ser possível expressar, de forma exata, através de uma paráfrase, o conteúdo ou emoção que veiculam – algo bastante importante ao tratarmos de interjeições.

(9) Maria: Ai!

(10) Maria: isso está doendo. / eu estou com dor / eu estou com muita dor / eu estou com pouca dor / eu estou com uma dor inesperada/ eu estou com uma dor repentina...

Conforme afirmava Kaplan (2004), é possível fazer uma paráfrase da interjeição ‘ai!’ por ‘eu estou com dor’, capturando seu conteúdo semântico mínimo³⁸. Contudo, podemos argumentar que essa interjeição, apesar de sempre veicular algo próximo a ‘eu estou com dor’, veicula inúmeras nuances que fogem a esse conteúdo descritivo mínimo e estável, entre outras coisas, porque envolve a subjetividade do falante. Assim, não será possível reduzir um conteúdo expressivo a um descritivo, ainda que paráfrases descritivas nos ajudem a lidar com o conteúdo expressivo.

5. Imediatismo: ao fazer uso de um expressivo, o falante está comprometido com ele, sendo, portanto incoerente uma tentativa de cancelar o que o expressivo traz. Uma consequência desse fato é que um mesmo falante não pode usar e negar, num mesmo proferimento, um expressivo (i.e., o seu conteúdo semântico).

(11) Maria: ? Oba! Hoje eu estou muito triste.

(12) Maria: ? Que pena! Eu estou bem feliz!

Essas sentenças são incoerentes porque um mesmo falante não pode afirmar numa mesma sentença, por exemplo, ‘oba!’ e ‘eu estou muito triste’. A única interpretação possível para essas sentenças envolve algum tipo de ironia, o que evidencia a exploração da máxima da qualidade griceana, indicando que o falante diz algo que acredita ser falso, por exemplo.

6. Repetibilidade³⁹: em geral, os expressivos podem se repetir em uma sentença, dando um efeito de intensificação sem gerar redundâncias, que seria o caso com itens somente descritivos.

(13) Ai, ai, ai! Que dor!

(14) ? Eu estou com dor! Eu estou com dor!

Com base nesses testes, podemos considerar que as interjeições são itens expressivos. Essa constatação, como dissemos, dá força à abordagem conceitualista sobre interjeições, mas

³⁸ Neste exemplo estamos falando de um dos sentidos que ‘ai!’ pode apresentar. Vamos discutir os diversos sentidos que uma interjeição pode ter no capítulo 3 seção 3.4.

³⁹ No capítulo 3 na seção 3.4. voltaremos a falar desse aspecto aplicando ao quadro de interjeições.

também preserva as diferenças de significado entre interjeições e várias outras construções linguísticas, justamente porque as interjeições dão sua contribuição de significado numa dimensão diferente daquela responsável pelo significado veri-condicional (ou descritivo): sua contribuição se dá na dimensão expressiva do significado (uso-condicional).

Como vimos devido ao fato de os itens expressivos serem diretamente ligados a quem os emprega e ao contexto (no sentido kaplaniano de contexto) de proferimento/uso, eles são um tipo de indexical, o que faz com que as interjeições, por serem itens expressivos, automaticamente sejam também indexicais. Na próxima seção, vamos articular melhor essas ideias com a independência sintática das interjeições.

2.4. Interjeições, indexicais e expressivos

Como resumo do tratamento de interjeições que vimos até agora, temos que:

- Wilkins (1992) fornece uma série de argumentos para tratarmos as interjeições como dêiticos (ou indexicais).
- O mesmo autor avança uma série de argumentos para tratarmos as interjeições como sentenças⁴⁰.
- Em Kaplan (2004), vemos argumentos também a favor de tratarmos as interjeições como indexicais, porém de um tipo particular, como expressivos.
- Ambos os autores consideram que as interjeições veiculam conteúdos semânticos.
- Kaplan (2004) defende a existência de significados que se dão em uma “dimensão expressiva”, e que devem ser explicados por regras de uso (e não de tradução) como as empregadas em sua teoria sobre indexicais.
- Usando os testes para detecção de expressivos, apresentados em Potts (2005, 2007), temos evidências para argumentar que as interjeições são itens expressivos.

Seria interessante, então, juntar essas ideias numa teoria coesa sobre as interjeições. A nosso ver, a junção dessas ideias nos dirá que algumas interjeições⁴¹ são sintaticamente sentenças

⁴⁰ Apesar de não defender explicitamente que interjeições sejam sentenças, Kaplan (2004) também defende uma unidade estrutural e uma independência para as interjeições.

⁴¹ A ressalva aqui tem que ser feita para considerarmos também interjeições como ‘tomara’, que tem outra sentença/proposição em seu escopo, e interjeições usadas como advérbios do tipo ‘felizmente’, que, apesar de

que expressam proposições, que são, por sua vez, compostas por informações indexicais deletadas/não-pronunciadas e recuperadas do contexto de proferimento. A informação semântica/proposicional veiculada por interjeições é correspondente – mas não idêntica – a uma contraparte descritiva, mas ocorre numa dimensão expressiva.

Considerando que as interjeições são indexicais que atuam numa dimensão expressiva, sua análise ficaria, em linhas gerais, como na formalização simplificada abaixo, tomando como estudo de caso o item ‘oba!’:

oba!
Caráter: c_a está feliz em c (i.e., em c_t , em c_i e em c_w)
Conteúdo (descritivo): \emptyset (\approx está feliz)
Conteúdo expressivo: e está feliz ⁴²

Quadro 2.1: Análise do ‘oba!’

O que a descrição acima captura é o fato de que ‘oba!’ tem um caráter kaplaniano – uma função de contextos para conteúdos –, expresso por ‘ c_a está feliz em c (i.e., em c_t , em c_i e em c_w)’⁴³. Porém, o resultado da função caráter é um conteúdo que se dá numa dimensão expressiva, notado como ‘e está feliz’, de modo que o conteúdo descritivo é nulo, apesar de corresponder informacionalmente à ‘ c_a está feliz’, conforme indicamos com ‘ $\approx c_a$ está feliz’.

Para efeitos de comparação, podemos colocar os itens ‘oba!’ e ‘eu’ – um indexical canônico/descritivo – lado a lado; é o que fazemos no quadro que segue:

oba!	eu
Caráter: c_a está feliz em c em w	Caráter: c_a em w
Conteúdo (descritivo): \emptyset ($\approx c_a$ está feliz)	Conteúdo (descritivo): e
Conteúdo expressivo: e está feliz	Conteúdo expressivo: \emptyset

Quadro 2.2: Comparação entre ‘oba!’ e ‘eu’

Como podemos ver pela comparação acima, as interjeições, exemplificadas por ‘oba!’ não teriam conteúdo descritivo canônico – por isso não podem ser verdadeiras ou falsas –, apesar

atuarem na dimensão expressiva, aparecem sintaticamente no interior de sentenças; voltaremos a essas questões no capítulo 3 seção 3.4.

⁴² Nesta formulação, ‘e’ está pelo tipo lógico de indivíduo.

⁴³ Como vimos na seção 2.2, na teoria de Kaplan, todos os itens das línguas naturais seriam interpretados pela função caráter, mas à exceção dos indexicais o resultado seria constante para todos os outros itens, por isso, não há problema em considerar o predicado ‘estar feliz’ como parte do caráter de ‘oba!’.

de terem um conteúdo semântico em alguma medida correspondente a um conteúdo descritivo. Por sua vez, os indexicais canônicos não teriam conteúdo expressivo algum e somente conteúdo descritivo.

Essa caracterização é bastante coerente com as ideias que viemos desenvolvendo até aqui, e com aquilo que os autores trabalhados trouxeram. Seria interessante, no entanto, apresentar argumentos linguísticos a favor do esboço de teoria que traçamos. Para tanto, vejamos o seguinte quadro comparativo, que leva em conta dados de dois tipos de discurso reportado – direto e indireto – e itens descritivos, expressivos e indexicais:

<u>Expressivo/interjeição</u> Oba!	<u>Indexical</u> Eu
(15) João: Maria disse “oba!” (16) João: * Maria disse que oba!	(17) João: Maria disse “eu tô com fome” (18) João: Maria disse que eu tô com fome
<u>Expressivo</u> Droga (de) ⁴⁴	<u>Descritivo</u> A Lua é feita de queijo
(19) João: Maria disse “Desliga essa droga de TV!” (20) João: Maria disse que é para desligar essa droga de TV ⁴⁵	(21) João: Maria disse “a Lua é feita de queijo” (22) João: Maria disse que a Lua é feita de queijo

Quadro 2.3: : Quadro comparativo entre interjeições, indexicais, expressivos e sentença descritiva

Os casos de discurso reportado direto exemplificam situação de “quase-citação”, e é por isso que na escrita são destacados pelo uso de aspas – seu funcionamento não é, num certo sentido, usual, e exige recursos diferenciados para serem interpretados.

Como podemos ver, o indexical (não-expressivo) ‘eu’ apresenta um comportamento diferenciado a depender de estar num discurso reportado direto ou indireto, aqui nos interessa notar que ‘eu’ não é interpretado como se espera, ou seja, como sendo equivalente ao agente do contexto de proferimento (c_a), mas sim como o agente do proferimento reportado, que, para o caso de (17) é Maria. Por sua vez, o ‘eu’ em (18) é interpretado como o esperado, i.e.,

⁴⁴ Não lidamos com esse tipo de expressivo aqui, que foi extensamente trabalhado por Potts (2005; 2007) para o inglês. Julgamos que a discussão que faremos na sequência é suficiente para explorar esse tipo de item em contraste com as interjeições. Para uma análise das interpretações expressivas dos diminutivos no espanhol, ver Fortin (2011).

⁴⁵ O ajuste sintático feito aqui, i.e., ‘é para’, não interfere em nosso foco – ‘droga (de)’ e sua interpretação.

como c_a , e se refere ao agente do proferimento, que, nesse caso, é João. Para deixar esse contraste mais claro, podemos lançar mão das seguintes paráfrases para essas sentenças:

(17) João: Maria disse “eu tô com fome”

(17’) João: Maria disse que ela está com fome.

(18) João: Maria disse que eu tô com fome

(18’) João_i: Maria_j disse que eu_{i/*j} tô com fome

Para o caso de sentenças que reportam somente o conteúdo descritivo e que não envolvam indexicais, como ‘a Lua é feita de queijo’, sua contribuição é sempre a mesma, independentemente de termos um discurso reportado direto (como em (21)) ou indireto (como em (22)); repetimos os exemplos relevantes abaixo:

(21) João: Maria disse “a Lua é feita de queijo”

(22) João: Maria disse que a Lua é feita de queijo

Sendo assim, nossas conclusões, por ora, são que indexicais são sensíveis ao tipo de discurso reportado. Como expressivos são um certo tipo de indexical, nossa expectativa é que eles também se comportem diferentemente a depender do tipo de discurso reportado envolvido. E, de fato, é exatamente isso o que vemos com os exemplos em (15)-(16) e (19)-(20).

Se olharmos inicialmente para (19) e (20), veremos um contraste semelhante ao que já vimos para o caso de (17)-(18), com ‘eu’. Para (19), no discurso direto, o expressivo ‘droga (de)’ está ligado à Maria que é o agente do discurso reportado, e não a João, que é o agente do proferimento; por isso, sabemos que quem tinha uma atitude negativa quanto ao fato de a TV estar ligada com (19) é Maria, e não João⁴⁶. Podemos indicar isso, informalmente, com a paráfrase abaixo, na qual aparece o índice “i”:

(19) João: Maria disse “Desliga essa droga de TV!”

(19’) João: Maria_i disse “Desliga essa droga de_i TV!”

⁴⁶ Segundo Potts (2005; 2007) e diversos outros autores que se debruçaram sobre o tema, expressivos desse tipo são, via de regra, ligados ao agente do proferimento, como é o caso com indexicais em geral.

No entanto, na sentença (20) a interpretação é ligeiramente diferente, nesse caso de discurso reportado indireto o item expressivo ‘droga’ se liga no agente do proferimento ‘João’ e também ao agente do discurso reportado ‘Maria’. A paráfrase abaixo captura esse fato:

(20) João: Maria disse que é para desligar essa droga de TV.

(20’) João_i: Maria_j disse que é para desligar essa droga de_{i/j} TV.

Como adiantamos, vamos esperar um contraste semelhante para os expressivos, que são interjeições. Ao voltarmos para os exemplos (15) e (16), repetidos abaixo, o que temos é a inaceitabilidade de interjeições em discurso reportado indireto:

(15) João: Maria disse “oba!”

(16) * João: Maria disse que oba!

A interjeição reportada em discurso direto em (15) se comporta como os demais indexicais vistos anteriormente – liga-se ao agente do discurso reportado, ou seja, para (15), quem está feliz é Maria.

De fato, em todos os casos de discurso reportado direto nos quais havia um elemento indexical, esse elemento, ao invés de se relacionar ao agente do contexto de proferimento, se ligou invariavelmente ao agente do contexto reportado (i.e., Maria para os exemplos trabalhados).

Nossa expectativa é que a interjeição em discurso reportado indireto se relacione ao agente do proferimento – de modo semelhante ao que vimos com ‘eu’ e com ‘droga (de)’. Porém, como o exemplo em (16) evidencia, essa expectativa não se concretiza, pois o resultado de termos uma interjeição em discurso reportado é uma sentença agramatical. Como então explicar essa situação?

A saída, como nós sugerimos acima, está justamente em assumir que interjeições têm somente conteúdo expressivo. Some-se a isso o fato, exemplificado com as sentenças acima e defendido por Kaplan (1989), que, em discurso reportado indireto, o que temos é o conteúdo (descritivo) de um indexical, nunca seu caráter.

Se isso estiver correto, a expectativa é que interjeições não geram sentenças bem-formadas quando estão em discurso reportado indireto, pois não possuem um conteúdo

descritivo com o qual contribuir para a sentença (como um todo) na qual aparecem; vejamos isso em passos:

- O conteúdo de uma interjeição é totalmente expressivo e se dá num determinado contexto de proferimento;
- Seu conteúdo é formado por informações indexicais recuperadas do contexto de proferimento em que são empregadas;
- Em um discurso reportado indireto, encontramos apenas conteúdos descritivos;
- Logo, uma interjeição num discurso reportado indireto não tem conteúdo descritivo com o qual contribuir, gerando a estranheza ou agramaticalidade do todo.

Para completar a explicação, é importante entendermos as razões de termos expressivos como ‘droga (de)’ em discurso indireto – essa possibilidade é um tanto surpreendente se considerarmos que estamos também diante de expressivos.

Contudo, há importantes diferenças entre ‘oba!’ e ‘droga (de)’ – na verdade, entre interjeições e itens expressivos que se comportam como predicados. A maior dessas diferenças é justamente o fato de que as interjeições são itens sintaticamente independentes e completos, que equivalem a sentenças, não tendo, portanto, composição interna do ponto de vista sintático, mas apenas de seu conteúdo semântico.

Por sua vez, expressivos como ‘droga (de)’ são um tipo de predicado que se aplica a um dado argumento, e são, portanto, sintaticamente incompletos. Argumentaremos que sua composicionalidade sintática dá a esse tipo de item algum conteúdo descritivo, que pode impor, por exemplo, restrições que a gramática gerativa conhece como c-seleção e s-seleção.

A existência de algum tipo de conteúdo descritivo para esses itens, ao lado de seu conteúdo expressivo, permite que esses itens apareçam em discurso reportado indireto, funcionando exatamente como o indexical ‘eu’, e seu conteúdo expressivo se dá justamente no contexto de proferimento, e não se relaciona com o contexto de proferimento reportado.

Essa explicação, que, na verdade, é apenas um primeiro esboço permite entender por que as interjeições não aparecem em discurso reportado – elas não têm conteúdo descritivo algum, e esses ambientes só recebem conteúdo descritivo. Obviamente, tal explicação precisa ser expandida e mais detalhada, bem como a análise ampliada de modo a capturar mais interjeições, primárias, secundárias e locuções interjectivas.

Acreditamos, contudo, que é possível (i) lidar com as interjeições no âmbito das teorias formais sobre o significado linguístico, e que (ii) as interjeições podem ser entendidas como um tipo particular de indexical.

Antes de apresentarmos as conclusões, vejamos mais dois outros exemplos de interjeição analisados com as ferramentas desenvolvidas e propostas aqui – consideramos ‘ai!’ e ‘meu deus!’; uma interjeição primária e uma locução interjectiva.

Podemos considerar o item ‘ai!’, conforme sugerimos acima, como sendo correspondente ao conteúdo descritivo ‘eu estou com dor’:

ai!
Caráter: c_a está com dor em c em w (i.e., em c_t , em c_l e em c_w)
Conteúdo (descritivo): \emptyset (\tilde{c}_a está com dor)
Conteúdo expressivo: c_a está com dor

Quadro 2.4: Análise de ‘ai’

A previsão é que ‘ai!’ não possa entrar em um discurso reportado indireto, como indicam os exemplos abaixo:

(23) João: Maria disse ‘ai!’.

(24) João: * Maria disse que ai!.

Vejamos agora o caso da locução interjectiva ‘meu deus!’:

Meu deus!

Caráter: c_a está espantado em c (i.e., em c_t , em c_l e em c_w)

Conteúdo (descritivo): \emptyset (\tilde{c}_a está espantado)

Conteúdo expressivo: e está espantado⁴⁷

Como é de esperar, o teste do discurso reportado indireto fornece resultados semelhantes quando consideramos ‘meu deus!’:

⁴⁷ O predicado indicado aqui ‘estar espantado’ deve ser tomado como sugestão, dado que ‘meu deus!’ como boa parte dos expressivos apresenta a propriedade da “inefablidade descritiva”, logo pode ter mais de um uso/significado.

(25) João: Maria disse ‘meu deus!’.

(26) João: *Maria disse que meu deus!.

As interjeições ‘ai!’ e ‘meu Deus!’ têm análises semelhantes à ‘oba!’, dessa forma, podemos afirmar que a estranheza gerada no discurso reportado indireto se deve ao fato de as interjeições não possuírem conteúdo descritivo, apenas expressivo.

2.5 Conclusão

Neste capítulo, propusemos a investigação do significado linguístico das interjeições por meio de ferramentas formais de análise, principalmente da semântica formal. As interjeições não apenas formam a classe menos investigada das partes do discurso, como também elas parecem desafiar qualquer abordagem formal.

Nosso intuito é mostrar que é possível oferecer uma definição razoável e interessante das interjeições se dispusermos de uma boa ideia de seu funcionamento sintático-semântico. Assim, concluímos que interjeições podem ser consideradas como sentenças completas que carregam um elemento indexical deletado e recuperado contextualmente; mostramos também que há interessantes evidências para tratar interjeições e indexicais, assim como demais itens expressivos, num mesmo patamar, e por isso aplicamos as ferramentas da teoria kaplaniana para indexicais às interjeições.

E, aplicamos os testes de Potts (2005; 2007) às interjeições que caracterizam os itens expressivos e o teste de discurso reportado direto e indireto, onde conseguimos evidenciar o conteúdo expressivo das interjeições.

No próximo capítulo vamos apresentar um quadro de interjeições maior do que já que foi apresentado até o momento e aplicar critérios de classificação que condizem com a classe, ou seja, critérios que estão relacionados ao contexto de fala, a sua funcionalidade (Ameka, 1992) e à tipologia heterogênea das interjeições, portanto, vamos lidar com diferentes interjeições.

CAPÍTULO 3

3. UMA CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

Introdução

Neste capítulo, apresentaremos uma classificação e algumas análises para uma série de interjeições, tais itens foram selecionados de quatro gramáticas tradicionais do PB e um *site* referente à gramática tradicional do PB. A classificação foi realizada conforme o contexto kaplaniano de fala, dado que, segundo nossa proposta, as interjeições recuperam seus referentes e informações do contexto de proferimento. Para tanto, primeiramente, na seção 3.1. retomaremos de forma resumida os conceitos propostos sobre as interjeições; na seção 3.2. apresentaremos nossa seleção de interjeições; em seguida, os critérios de classificação das interjeições aparecem nas seções 3.3. e 3.4. E, por fim, apresentaremos um quadro geral para ilustrar as interjeições e suas classificações.

3.1. Interjeições, seleção e critérios

A classe das interjeições, como nós vimos no capítulo 1, é bastante heterogênea e carece de critérios claros de definição nos estudos linguísticos e nas gramáticas, e é por isso, entre outras razões, que são problemáticas. Apesar disso, avançamos nosso trabalho, no capítulo 2, com o intuito de mostrar que, mesmo com essas dificuldades, é possível apresentar uma proposta de análise e tratamento da classe das interjeições. Sendo assim, em resumo, o que temos até momento é:

- As interjeições são consideradas como sentenças completas, conforme argumenta Wilkins (1992).
- O mesmo autor defende que as interjeições são como os dêiticos/indexicais.
- Juntando essa ideia de Wilkins (1992) com a teoria de indexicais de Kaplan (1989), temos em mãos que as interjeições são sentenças que possuem elementos indexicais (c_a , c_o , c_t , c_l , c_w)

sua estrutura que são recuperados no contexto de fala (Teixeira, 2017; Basso e Teixeira, 2017).

- As interjeições contribuem somente na dimensão expressiva (KAPLAN, 2004), como argumentamos e mostramos através dos testes de Potts (2005, 2007), e do comportamento das interjeições em situações de discurso reportado direto e indireto.

Tendo essas ideias em mente, nosso objetivo é ampliar o quadro de interjeições a ser analisado conforme nossa proposta de tratamento, e por isso apresentaremos por quais critérios⁴⁸ de classificação podemos avaliar os itens dessa classe.

Como nosso objetivo não é realizar uma análise exaustiva das interjeições do PB, nós efetuamos uma seleção de interjeições⁴⁹ mais recorrentes nas gramáticas tradicionais do PB e aplicamos os critérios que elegemos como relevantes para organizá-las, alguns dos quais já apareceram ao longo deste trabalho.

A escolha das gramáticas normativas e não de outras gramáticas, como as regionais ou históricas, se deve ao fato de que a finalidade do trabalho é fazer um levantamento das interjeições mais recorrentes do PB contemporâneo e aplicá-las aos critérios de classificação, partindo do princípio de que todas as interjeições compartilham das características já discutidas nos capítulos 1 e 2, incluindo as interjeições regionais e entre outras.

Os critérios de classificação estão intimamente ligados aos contextos de fala das interjeições, visto que essa classe é dependente do contexto de proferimento, uma vez que as informações dos elementos indexicais (c_a , c_o , c_t , c_l , c_w) só são recuperadas através do contexto de fala (cf. Kaplan, 1989). Os critérios de classificação são:

- os critérios de Ameka (1992) relacionados aos conceitos de interjeição primária, interjeição secundária, e suas funções como emotiva, cognitiva, conativa e fática;
- e outros critérios que se relacionam ao fato de a interjeição:
 - (i) selecionam como complemento uma sentença;
 - (ii) ser acompanhada obrigatoriamente por apontamentos ou gestos;
 - (iii) possuir repetibilidade; e
 - (iv) possuir mais de um significado.

⁴⁸ Os critérios serão expostos e explicados a partir das seções 3.3. e 3.4.

⁴⁹ Vamos explicar na seção 3.2. como foi realizada essa seleção.

Nosso objetivo é aplicar esses critérios de classificação a um número maior de interjeições. Desse modo, obteremos um quadro de classificação, bem como ampliaremos nossa proposta de tratamento subjacente às análises.

3.2. Seleção das interjeições

A seleção das interjeições foi realizada da seguinte maneira. Em primeiro lugar, selecionamos 4 (quatro) gramáticas tradicionais do PB comumente usadas no Brasil são elas: *Gramática da Língua Portuguesa* (CIPRO NETO, 1998), *Gramática contemporânea da língua portuguesa* (DE NICOLA E INFANTE, 1997), *Gramática em textos* (SARMENTO, 2005), *Gramática* (FARACO, MOURA, MARUXO JR., 2007) e 1 (um) *site Só Português*⁵⁰ referente à gramática tradicional.

A escolha dessas quatro gramáticas e do *site* foi feita pelo fato de que fundamentalmente essas obras focam na perspectiva da gramática tradicional do português abordando as dez classes gramaticais, sendo que a última classe é das interjeições, além de serem amplamente (re)conhecidas e usadas como referência no Brasil⁵¹.

O material consultado classifica as interjeições de acordo com sentimentos ou apelos que expressam. A lista de classificação não é padrão, pois “como uma mesma interjeição pode expressar várias emoções, qualquer lista que se faça está sujeita a falhar” (DE NICOLA; INFANTE, 1997, p. 236). Portanto, além de as interjeições carecerem de uma definição que condiz com sua funcionalidade, elas também necessitam de uma classificação que use outros critérios que abarquem sua tipologia heterogênea e que sejam linguisticamente significativos, isto é, que tenham algum lastro teórico.

Os sentimentos e os apelos mais recorrentes nas gramáticas para classificar as interjeições são: advertência, alegria, alívio, chamamento, concordância, desaprovação, desejo, dor, dúvida, impaciência, medo, pedido de silêncio, espanto, aplausos, saudação e surpresa.

Há, por um lado, alguns sentimentos que aparecem menos, como impaciência, aprovação, piedade e cansaço, e há, por outro lado, sentimentos que aparecem como sinônimos, por exemplo, admiração ou espanto, apelo ou chamamento, aversão ou

⁵⁰ Disponível em < <http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf90.php>>. Acesso: 02 de abril de 2018

⁵¹ Apesar de as gramáticas e o *site* terem um cunho pedagógico nós poderíamos ter recorrido a outras gramáticas. Como de caráter filológico, contudo nossa intenção nesse capítulo é um exercício de análise e, em geral, as gramáticas trazem os mesmos exemplos não interferindo em nossa seleção.

contrariedade, dúvida ou incredulidade, piedade ou lamento, reprovação ou desacordo (SARMENTO, 2005). A definição vaga, segundo a qual as interjeições expressam sentimentos e emoções do falante, conseqüentemente, se reflete em sua classificação, que utiliza, ao menos, 20 (vinte) sentimentos diferentes para lidar com as interjeições.

Como dito anteriormente, não há diretrizes a serem seguidas na classificação desses itens nas obras consultadas. E parece que o motivo para tanto é que algumas interjeições possuem mais de um significado/sentido, ou seja, uma interjeição pode aparecer em mais de um sentimento ou apelo, como ‘upa!’, que aparece tanto na classificação de espanto ou surpresa como em estímulo (CIPRO NETO, 1998). Contudo, a pluralidade de sentido de algumas interjeições não é motivo suficiente para não estabelecer parâmetros de classificação.

Em princípio, podemos aplicar os critérios de classificação a qualquer lista de interjeições, pelo fato de que todas as interjeições compartilham as mesmas características. Como não conseguiríamos fazer uma lista de todas as interjeições existentes e também não é o objetivo deste trabalho, limitamo-nos ao número de 30 interjeições, pois consideramos se tratar de uma amostra razoável.

Para selecionar as interjeições usamos a seguinte metodologia (i) pesquisamos as gramáticas e o *site* em busca das interjeições; (ii) selecionamos as interjeições que apareciam em pelo menos 3 obras diferentes (ou seja, a mesma interjeição apareceu em pelo menos 3 obras diferentes); (iii) e definimos um limite de 30 interjeições para analisarmos.

Nesse quadro de interjeições que delineamos, é possível encontrar uma diversidade de sentimentos e apelos segundo a classificação das gramáticas tradicionais.

Como dissemos, consideramos o conjunto de 30 interjeições satisfatório para cumprir o objetivo desta pesquisa, que é ampliar o nosso quadro de interjeições empregando critérios que condizem com sua funcionalidade e tipologia.

As interjeições que cumprem os critérios acima são: ‘viva!’, ‘psiu!’, ‘avante!’, ‘ah!’, ‘oba!’, ‘fora!’, ‘puxa!’, ‘arre!’, ‘tomara!’, ‘ai!’, ‘ui!’, ‘credo!’, ‘cuidado!’, ‘atenção!’, ‘vamos!’, ‘oh!’, ‘ufa!’, ‘bravo!’, ‘pois sim/não!’, ‘silêncio!’, ‘toca!’, ‘calma!’, ‘putz!’, ‘vixe!’, ‘coragem!’, ‘força!’, ‘hã-hã!’, ‘opa!’, ‘raios!’ e ‘caramba!’.

Algumas interjeições possuíam mais de uma classificação por gramática; por exemplo, a interjeição ‘ah!’ está tanto na classificação de ‘alegria ou satisfação’ quanto ‘espanto ou admiração’ (Só Português, acesso dia 23 de abril de 2018). Há construções que são consideradas interjeições, como ‘o quê!’, ‘essa não!’ e ‘pobre de mim!’ (SARMENTO, 2005),

mas que não aparecem em todas as gramáticas, e como essas interjeições não são recorrentes decidimos não usá-las.

Partindo dessa lista de interjeições, vamos prosseguir com a aplicação dos critérios de classificação considerando os contextos de fala.

3.3. Critérios de Ameka (1992): interjeição primária, interjeição secundária, emotiva, cognitiva e fática

Dado que consideramos as interjeições como um tipo de indexical, e que, portanto, são itens que dependem do contexto para fixarem seus referentes (cf. Kaplan, 1989), boa parte dos critérios de classificação que vamos apresentar estão relacionados ao contexto de fala.

Primeiramente, vamos começar pelos critérios de classificação apresentado no capítulo 1 segundo Ameka (1992); esses critérios são importantes porque eles nos forneceram os primeiros parâmetros de como lidar com as interjeições, resolvendo alguns dos diversos problemas envolvidos na sua definição e classificação.

A classificação entre interjeições primárias e secundárias, a princípio é derivacional, contudo nos proporciona uma visão clara de como essa classe é heterogênea, e nos ajuda a pensar em quais itens realmente pertencem à classe das interjeições e quais palavras podem ser uma interjeição, ou usadas como uma.

Retomando esse critério, temos que as interjeições primárias são aqueles itens que pertencem somente à classe das interjeições; por sua vez, as interjeições secundárias são compostas por um ou mais itens linguísticos que pertencem a alguma outra categoria gramatical, mas podem ser usadas como interjeição.

Se formos separar nossas 30 interjeições em interjeições primárias e secundárias temos o seguinte quadro:

Interjeições primárias	‘psiu!’, ‘ah!’, ‘oba!’, ‘puxa!’, ‘arre!’, ‘tomara!’, ‘ai!’, ‘ui!’, ‘oh!’, ‘ufa!’, ‘bravo!’, ‘putz!’, ‘vixe!’, ‘pois sim/não!’, ‘hã-hã!’, ‘opa!’, e ‘caramba!’
Interjeições secundárias	‘viva!’, ‘fora!’, ‘credo!’, ‘cuidado!’, ‘atenção!’, ‘vamos!’, ‘silêncio!’, ‘toca!’, ‘calma!’, ‘coragem!’, ‘força!’, e ‘raios!’, ‘avante!’

Quadro 3.1: Interjeições primárias e secundárias

É interessante classificar as interjeições em primárias e secundárias como uma primeira tentativa de organização desses itens, que, num primeiro momento, parece bastante intuitiva. Podemos pensar em alguns casos de interjeições primárias e secundárias incontestáveis, por exemplo:

- interjeições primárias: ‘ai!’, ‘ah!’ e ‘putz!’;
- interjeições secundárias: ‘meu Deus!’, ‘cuidado!’ e ‘atenção!’.

Por outro lado, algumas interjeições deixam dúvidas relativamente à classe à qual pertencem. Se formos considerar a definição de interjeição secundária literalmente, nós teremos que qualquer palavra usada como interjeição que tenha outro uso em outra classe gramatical é uma interjeição secundária, e assim caímos em alguns casos que geram incertezas, como ‘puxa!’, ‘opa!’, ‘avante!’ e ‘raios!’; abaixo, vamos falar de cada um desses casos.

Classificamos a interjeição ‘puxa!’ como primária; contudo, se consultarmos um dicionário, tal forma aparece ligada à entrada conjugada do verbo ‘puxar’, sendo que ‘puxa’ é forma da terceira pessoa do singular do presente do indicativo e da segunda pessoa do singular do imperativo⁵². Isso poderia nos levar a classificar ‘puxa’ então como uma interjeição secundária, segundo a definição dessa categoria. No entanto, o falante não usa essa interjeição com o sentido do verbo ‘puxar’, e, portanto a interjeição ‘puxa!’ não compartilha o mesmo campo semântico da forma do verbo nem é percebida pelos falantes como tal.

Outra forma de nos certificarmos disso é observarmos a classificação das gramáticas e do *site Só Português*⁵³, em que ‘puxa!’ está categorizada como ‘espanto ou admiração’, mais uma vez a interjeição não está relacionada com o sentido do verbo. Logo, classificamos ‘puxa!’ como interjeição primária.

Algo semelhante acontece com a interjeição ‘opa!’. Se formos consultar no dicionário⁵⁴ ‘opa!’ veremos que se trata de uma forma de conjugação do verbo ‘opar’. Contudo, mais uma vez, o falante não remete ao sentido do verbo quando profere a

⁵² Consultamos o dicionário *Priberam online*. Acesso: 27 de abril de 2018.

⁵³ Consultamos o *site Só Português*. Acesso: 27 de abril de 2018.

⁵⁴ Consultamos o dicionário *Priberam online*. Acesso: 27 de abril de 2018.

interjeição, sendo que ‘opar’ possui o sentido de inchar, intumescer. Então, podemos classificar ‘opa!’ como uma interjeição primária.⁵⁵

Ao contrário de outros casos, por exemplo, a interjeição ‘avante!’⁵⁶ compartilha do mesmo do campo semântico do advérbio, dado que o sentido é adiante, para frente. Portanto, nesse caso, podemos de fato dizer que se trata de uma interjeição secundária. Outro exemplo é a interjeição ‘raios!’, que remete ao sentido de fenômeno meteorológico da forma do substantivo, e assim, seguindo o mesmo raciocínio, trata-se de uma interjeição secundária.

Em resumo, a distinção entre interjeição primária e secundária não se esgota numa coincidência sonora de formas, mas sim de significados próximos, encontrados numa mesma forma, e sendo assim tal distinção não estará a salvo de haver casos limítrofes.

Ameka (1992) fornece também uma importante classificação baseada na funcionalidade semântica das interjeições. Essa classificação é embasada em funções específicas de comunicação que esses itens podem desempenhar num contexto efetivo/concreto de fala. Segundo o autor podemos classificar as interjeições como: expressivas⁵⁷, conativas ou fáticas.

As interjeições expressivas são aquelas que têm a ver com o estado emocional e mental do falante e são divididas em: emotivas e cognitivas.

As emotivas expressam as emoções do falante, e entendem-se emoções como alegria, tristeza, raiva, surpresa, dor, espanto, entre outros. Não cabem apelos, intenção de chamar alguém, pedido de silêncio, auxílio ou desculpa, entre outros. Por sua vez, as cognitivas expressam o estado mental ou de compreensão do falante. No quadro a seguir, trazemos uma possibilidade de quais interjeições se encaixam nesses critérios:

Interjeições expressivas emotivas	‘viva!’, ‘avante!’, ‘oba!’, ‘puxa!’, ‘arre!’, ‘ai!’, ‘ui!’, ‘credo!’, ‘ufa!’, ‘opa!’, ‘calma!’, ‘vixe!’, ‘raios!’, ‘caramba!’ e ‘putz!’
Interjeições expressivas cognitivas	‘ah!’, ‘puxa!’, ‘caramba!’, ‘ai!’, ‘ui!’, ‘vixe!’ e ‘opa!’

Quadro 3.2: Interjeições expressivas emotivas e cognitivas

⁵⁵ Só para exemplificar mais um caso, a interjeição ‘tomara!’ é usada comumente em casos em que o falante quer expressar o desejo que algo se realize. Logo, esse item não remete ao sentido do verbo ‘tomar’, portanto é uma interjeição primária.

⁵⁶ Esta interjeição, como outras pode ser um imperativo; contudo, não é o nosso foco se estender sobre as semelhanças e as diferenças entre as interjeições e imperativos. Este é um interessante tema a ser pesquisado no futuro.

⁵⁷ Ameka (1992; 2006), assim como Wierzbicka (1992), usa o termo ‘expressivo’ para categorizar as interjeições de acordo com a suas funções e salienta que as interjeições expressam o estado emocional do falante.

É importante ressaltar que na categoria de “interjeições expressivas emotivas” não estamos levando em consideração quais são os tipos de emoções ou sentimentos que esses itens veiculam, isto é, como as gramáticas tradicionais classificam as interjeições. A seguir alguns exemplos de interjeições expressivas emotivas:

- (1) Ai! Que susto.
- (2) Ui! Essa doeu.
- (3) Ufa! Passei de fase do jogo.

Dentro do nosso quadro de 30 interjeições temos muitos itens que expressam sentimentos e emoções, porém nem todas. As interjeições que ficaram de fora dessa classificação são ‘cuidado!’, ‘atenção!’, ‘fora!’, ‘coragem!’, ‘silêncio!’, ‘força!’, ‘psiu!’, ‘tomara!’, ‘vamos!’, ‘bravo!’, ‘toca!’, essas expressam um algum pedido, desejo, ordem, aprovação que não caberia bem na classificação acima.

No que concerne às “interjeições expressivas cognitivas”, esses itens estão voltados ao estado cognitivo ou ao pensamento do falante. Segundo a nossa seleção de interjeições, podemos exemplificar esse critério com itens, como ‘ah!’, ‘puxa!’, ‘caramba!’, ‘vixe!’ e ‘opa!’, vejamos a seguir exemplos:

- (4) Caramba! Lembrei que tinha uma reunião hoje.
- (5) Puxa! Ainda bem que não fui à sua casa.
- (6) Vixe! Se eu soubesse tinha ido à festa.
- (7) Opa! Eu tenho mais figurinhas aqui.
- (8) Ah! Desse jeito é melhor ficar assim.

Esses casos exemplificam usos de interjeições que não demonstram uma emoção ou sentimento, mas que fazem parte de alguma reflexão do falante. Essas interjeições coincidem com a classificação de “expressivas emotivas”, mas, como já notamos, algumas interjeições possuem mais de uma função, como nestes casos.

Uma forma de distinguir qual é a função da interjeição em questão é pelo contexto de fala. Podemos citar o seguinte exemplo: Ana muda seu cabelo repentinamente sem Maria saber; quando as duas se encontram, Maria se espanta com a mudança de Ana.

- (9) Maria: Puxa! Nem te reconheci.

A interjeição ‘puxa!’ usada no exemplo (6) é diferente da usada em (2), e podemos pensar em outras situações em que as interjeições cognitivas selecionadas possam exprimir alguma emoção em outras situações; por exemplo, João entra na sala sem se anunciar e Maria leva um susto gritando:

(10) Maria: Caramba! Que susto!

Por sua vez, as interjeições conativas são dirigidas a um locutor, portanto, necessariamente pedem um ouvinte, em geral com a intenção de atrair a sua atenção, ou exigir uma resposta ou ação. Vejamos no quadro a seguir quais interjeições da nossa seleção são conativas:

Interjeições conativas	‘psiu!’, ‘avante!’, ‘fora!’, ‘cuidado!’, ‘atenção!’, ‘vamos!’, ‘bravo!’, ‘pois sim/não!’, ‘tomara!’, ‘silêncio!’, ‘toca!’, ‘calma!’, ‘coragem!’, ‘força!’ e ‘hã-hã!’
------------------------	--

Quadro 3.3: Interjeições conativas

Esse critério avalia a necessidade de um ouvinte para o uso adequado de uma dada interjeição, então caímos num requisito importante que é necessidade *versus* possibilidade de um ouvinte/interlocutor.

As interjeições elencadas nessa categoria necessitam de um ouvinte, e, portanto seria estranho ou inadequado alguém proferir ‘silêncio!’ sozinho, ou alguém dizer ‘fora!’ em um ambiente ou contexto em que não há mais ninguém (salvo casos em que estão envolvidas alucinações, mas mesmo em tais casos extremos, o uso da interjeição é o mesmo, pois o falante considera que há, de fato, um interlocutor).

Imagine a seguinte situação: o falante está sozinho quando uma barata passa por ele, sua reação então é gritar ‘credo!’, e a mesma reação pode acontecer se tiver mais pessoas no ambiente. Outra circunstância que podemos vislumbrar é o falante está sozinho, ou não, e ocorrer de ele quebrar um copo e proferir ‘putz!’, esses e outros cenários nos levam a não colocar as outras interjeições na categoria conativa, pois para esses itens há somente a possibilidade de ter um ouvinte e não a necessidade.

Finalmente, segundo Ameka (1992), as interjeições fáticas são usadas para manter o fluxo da conversa, e assim, mais uma vez, a presença de um ouvinte é obrigatória. Vejamos no quadro abaixo as interjeições fáticas de nossa seleção:

Interjeições fáticas	‘ah!’, ‘hã-hã!’, ‘pois sim/não!’ e ‘oh!’
----------------------	--

Quadro 3.4: Interjeições fáticas

Essas interjeições, apesar de terem a função de manter o fluxo conversacional, não podem ser confundidas com marcadores discursivos, que são, por sua vez, elementos linguísticos com a função de amarrar as ideias textuais estabelecendo elos coesivos entre as partes dos textos como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala (FREITAG, 2007). Por seu turno, as interjeições fáticas são como uma resposta do falante ao interlocutor de que ele está prestando atenção no desenvolvimento da conversação. A seguir exemplos de marcadores discursivos:

- (11) Eu vi tudo, **tá?**
- (12) Eu comprei o melhor livro, **né?**
- (13) **Daí**, o João chegou na hora certa.

Em resumo, os critérios que apresentamos até o momento são uma reinterpretação e reelaboração de critérios sugeridos no trabalho de Ameka (1992), que classificam as interjeições de acordo com sua funcionalidade. Nesse panorama, podemos afirmar que as interjeições não expressam somente sentimentos e emoções do falante, mas cumprem outras funções na língua. A seguir, vamos apresentar outros critérios baseados no contexto de fala segundo a teoria kaplaniana.

3.4. Outros critérios: seleciona como complemento uma sentença, acompanha gestos ou apontamento, repetibilidade e possui mais de um significado

Os outros critérios de classificação foram definidos de acordo com as características e testes que vimos nos capítulos 1 e 2. Vamos começar pelo critério de a interjeição *selecionar como complemento uma sentença*; as interjeições, como nós dissemos até agora, possuem sua “carga semântica” própria, ou seja, elas têm seu sentido próprio sem entrar em composição com outros elementos da sentença. Dito isso, há uma interjeição que pede uma sentença ou argumento complementar – trata-se de ‘tomara!’.

A interjeição ‘tomara!’⁵⁸, assim como outras interjeições de significados semelhantes, carrega seu próprio sentido, e podemos substituir essa interjeição por uma estrutura semanticamente equivalente ao seu sentido ‘eu desejo que p’. Usando tal construção, teríamos uma paráfrase mais próxima para capturar a informação semântica da interjeição ‘tomara’. Vejamos o seguinte exemplo:

(14) Tomara que amanhã chova.

Podemos interpretar semanticamente o que é expresso como sendo a proposição ‘eu desejo que amanhã chova’; assim, temos o agente do contexto (‘eu’) que é preenchido no contexto de proferimento kaplaniano; o verbo *desejar* pede um complemento; tal complemento tem que ser uma proposição *p*, e, assim sendo, *p* faria parte do conjunto de desejos do falante do proferimento. O complemento *p* poderá estar presente no proferimento do falante ou pode ser recuperado anaforicamente a partir do contexto de fala compartilhado entre os locutores, neste caso *p* seria uma informação contextual que é recuperada assim como o agente do contexto.

Esse critério é interessante, pois salienta que a classificação das interjeições vai além daquela dada pelas gramáticas consultadas que são baseadas em quais sentimentos ou apelos que as interjeições expressam.

Além disso, dado que nenhuma outra interjeição precisa de complemento da mesma natureza, poderíamos inclusive indagar se tal item é de fato interjeição, contudo esse critério não é suficiente para tirar ‘tomara!’ da classe das interjeições, pois esse item possui conteúdo expressivo, sendo que não podem ser avaliados (somente) pelas condições de verdade; sendo assim, uma saída é sugerir que há pelo menos uma interjeição que não é sintaticamente independente. Logo, neste trabalho, consideraremos ‘tomara’ como uma interjeição que tem uma estrutura argumental preenchida por conteúdos indexicais e proposicionais⁵⁹.

Outro critério de classificação é se a interjeição é ou não *acompanhada de um gesto físico ou de um apontamento*⁶⁰. Este critério está relacionado ao caráter paralinguísticos de certos itens, ou seja, fatores, como gestos, expressões faciais, entonação e entre outros estão ligados a modalidade não verbal, e estes fatores entram na interpretação do sentido desses

⁵⁸ Há interjeições similares que possuem o mesmo sentido, como ‘oxalá!’, ‘que Deus queria!’, entre outras.

⁵⁹ É possível estender a análise da interjeição “tomara!”, contudo deixaremos para trabalhos futuros.

⁶⁰ Neste critério entendemos como a possibilidade de a interjeição vir acompanhada de gestos ou apontamentos, pois o falante pode usar essas interjeições por meio de redes sociais ou por telefone, sendo em tais situações não há o uso de gestos e apontamentos.

itens. Há algumas interjeições que vêm acompanhadas de apontamentos ou gestos entrando na composição/interpretação do item; vejamos o quadro:

Interjeições que acompanham gestos ou apontamentos	‘Cuidado!’, ‘bravo!’, ‘psiu!’, ‘fora!’ e ‘silêncio!’
--	--

Quadro 3.5: Interjeições que acompanham gestos ou apontamentos

Alguns exemplos dessas interjeições:

- (16) Cuidado! Tá pegando fogo. – o falante aponta o local que está em chamas
- (17) Bravo! – o falante está aplaudindo
- (18) Psiu! – O falante está com o dedo indicador na boca.
- (19) Fora! – o falante está apontando para algum lugar fora do ambiente em que está.
- (20) Silêncio! – o falante está com o dedo indicador na boca.

Esses casos ilustram cenários que, no uso dessas interjeições, elas são acompanhadas de gestos ou apontamentos que agregam informações na composição semântica do item. Podem ocorrer casos em que uma mesma interjeição pode ter sentidos diferentes se vier ou não acompanhada de gestos, como:

- (21) Psiuu! (longo)

Nesse caso, temos o fator da prosódia somado à interpretação da interjeição, mas que sem o gesto acompanhando, produz um efeito de chamar alguém, ao contrário do exemplo (18).

O próximo critério que usaremos é a *repetibilidade*. Trata-se de um dos testes que Potts (2005, 2007) aplica aos expressivos. Algumas interjeições podem ser repetidas em sequência, gerando um efeito de intensificação do seu significado, sem produzir redundância.

Do nosso inventário, as interjeições em que pode ocorrer repetição são: ‘avante!’, ‘ai!’, ‘ui!’, ‘cuidado!’, ‘atenção!’, ‘bravo!’ ‘vamos!’ e ‘calma!’. Vejamos alguns exemplos:

- (22) Avante! Avante! (um amigo incentivando o outro)
- (23) Ai! Ai! Ai! (quando alguém se machuca)
- (24) Cuidado! Cuidado! (João chamando atenção de Mario para não derrubar os copos)
- (25) Atenção! Atenção! (carro de som na rua fazendo propaganda)

(26) Bravo! Bravo! (após uma apresentação de teatro)

(27) Psiu! Psiu! (chamando alguém)

Por outro lado, nem todas as interjeições se encaixam nesse critério, e assim se formos usá-las repetidas vezes, teremos uma sensação de estranheza⁶¹, por exemplo:

(28) # Ufa! Ufa! Me dei bem na prova.

(29) # Puxa! Puxa! Ganhei o prêmio da rifa.

(30) # Caramba! Caramba! Que bom que te encontrei.

Os testes de Potts (2005, 2007) que aplicamos às interjeições, no capítulo 2, seção 2.3, foram um guia para mostrarmos que as interjeições possuem conteúdo expressivo. Contudo, mesmo assim, nem todas as interjeições podem se repetir em sequência produzindo um efeito de intensificação do seu sentido. Porém, isso não significa que esses itens são algum tipo de exceção e que não possuam conteúdo expressivo; ao contrário, essas interjeições passam nos outros testes e, o mais relevante, não podem ser avaliadas pelas condições de verdade, já que não possuem conteúdo descritivo.

E, por fim, o último critério de classificação é se a interjeição *possui mais de um significado*. Por todos os critérios de classificação que passamos até momento, não é a primeira vez que vamos esbarrar na multiplicidade de sentidos de uma mesma interjeição. Segundo a nossa seleção, as interjeições que cabem nesse critério são:

Interjeições que possuem mais de um significado	‘psiu!’, ‘ah!’, ‘puxa!’, ‘ai!’, ‘ui!’, ‘oh!’, ‘putz!’, ‘vixe!’, ‘opa!’ e ‘caramba!’
---	--

Quadro 3.6: Interjeições que possuem mais de um significado

Vejamos alguns exemplos de diversos sentidos da interjeição ‘ai!’:

(31) Ai! Esqueci minhas chaves. (expressiva cognitiva)

(32) Ai! Bati eu braço. (expressiva emotiva – dor)

(33) Ai! Pega a roupa do varal que começou a chover. (expressiva cognitiva)

(34) Ai! Que pena que perdi o dinheiro (expressiva emotiva – decepção)

(35) Ai! Que susto (expressiva emotiva – medo)

⁶¹ Pode haver uma variação dialetal em aceitar em maior ou menor grau quais interjeições que podem se repetir.

A interjeição ‘ai!’ é um exemplo claro de como um item pode ter diferentes funções nas variadas situações de uso, pois pode ser cognitiva e emotiva e, dentro das emoções, pode expressar vários (sub)tipos. Outro exemplo relevante nesse aspecto é a interjeição ‘vixe!’:

- (36) Vixe! Ainda bem que cheguei a tempo. (expressiva emotiva – alívio)
- (37) Vixe! Você não conseguiu passar no concurso. (expressiva cognitiva)
- (38) Vixe! Será que esse gabarito tá certo? (expressiva emotiva – dúvida)
- (39) Vixe! Você ganhou no bingo. (expressiva emotiva – surpresa)

As interjeições secundárias, em princípio, não possuem mais de um significado; se o item em questão pertence à outra classe gramatical e é usado como interjeição, seu sentido permanece o mesmo. Então, seguindo esse raciocínio, as interjeições primárias são mais suscetíveis a produzirem mais de um significado; isso, porém, não é uma regra, pois temos as interjeições ‘oba!’, ‘arre!’, ‘tomara!’, ‘ufa!’, ‘bravo!’, que são primárias e possuem apenas um sentido.

Em resumo, podemos aplicar esses critérios de classificação mais interessantes às interjeições explorando o contexto de fala, já que recuperamos informações contextuais kaplanianas para interpretar esses itens e também analisamos mais de perto as individualidades de dentro dessa classe, por exemplo, se a interjeição seleciona um complemento; se acompanha gestos ou apontamentos; ou se o mesmo item possui mais de um sentido, sem deixar de lado a funcionalidade e tipologia heterogênea das interjeições. Em seguida, apresentaremos um quadro geral ilustrando todos os critérios de classificação utilizados aplicados às 30 interjeições que selecionamos.

Interjeições/critérios	I. P.	I. S.	EM	COG	CON	FAT	COMPL.	APON.	REP.	+SIG.
Viva!		X	X							
Psiu!	X			X	X			X		X
Avante!		X	X		X				X	
Ah!	X			X		X				X
Oba!	X		X							
Fora!		X			X			X		
Puxa!	X		X	X						X
Arre!	X		X							
Tomara!	X				X		X			
Ai!	X		X	X					X	X
Ui!	X		X	X					X	X
Credo!		X	X							
Cuidado!		X			X			X	X	
Atenção!		X			X				X	
Vamos!		X			X				X	
Oh!	X					X				X
Ufa!	X		X							
Bravo!	X				X			X	X	
Pois sim/não	X				X	X				
Silêncio!		X			X			X		
Toca!		X			X					
Calma!		X	X		X				X	
Putz!	X		X							X
Vixe!	X		X	X						X
Coragem!		X			X					
Força!		X			X					
Hã-hã!	X				X	X				
Opa!	X		X	X						X
Raios!		X	X							
Caramba!	X		X	X						X

Quadro 3.7: Quadro geral das interjeições

Legenda: I.P.: Interjeições primárias/ I. S.: Interjeições secundárias/ EM: emotivas/ COG: Cognitivas/ CON.: Conotativa/ FAT: Fáticas/ COMPL: Selecciona como complemento uma sentença/ APON: acompanha gestos e apontamentos/ REP: repetibilidade/ + SIG: possui mais de um significado.

3.5. Conclusão

Neste capítulo, nós apresentamos critérios de classificação que foram aplicados a um quadro previamente selecionado de interjeições. A seleção das interjeições foi realizada a partir de quatro gramáticas e um *site* que tem como foco a gramática tradicional do PB, essa seleção nos forneceu uma amostra razoável dos itens comumente considerados como interjeições no PB.

A partir dessa seleção de interjeições, revisitamos a classificação de Ameka (1992) de interjeição primária e secundária, e a classificação segundo as funções comunicativas desses itens, que são: emotiva, cognitiva e fática; e os outros critérios levam em consideração o contexto de fala kaplaniano das interjeições, que são: (i) seleciona como complemento uma sentença, (ii) acompanha gestos ou apontamentos, (iii) repetibilidade, e (iv) possui mais de um significado.

Por meio do exercício de aplicar critérios relacionados ao contexto de fala e à funcionalidade das interjeições, conseguimos entender um pouco mais sobre a classe das interjeições e alguns casos particulares, sendo que alguns critérios só se aplicam a algumas interjeições e não a outras.

No próximo capítulo, nós aprofundaremos sobre as questões do significado expressivo e a relação entre as interjeições e os itens expressivos seguindo o trabalho de Gutzmann (2015).

CAPÍTULO 4

4. UMA INVESTIGAÇÃO DO CONTEÚDO EXPRESSIVO DAS INTERJEIÇÕES

Introdução

Neste capítulo, apresentaremos de modo mais detalhado o que viemos chamando de “significado expressivo”. Faremos uma pequena excursão sobre esse tipo de significado e um breve histórico, em oposição ao chamado significado descritivo (ou veri-condicional) na seção 4.1. Em seguida, tomaremos como base o trabalho de Gutzmann (2015) para apresentar os tipos de expressivos na seção 4.2. E, por fim, na seção 4.3., veremos como Gutzmann (2015) classifica e trata as interjeições dentro do grupo de itens uso-condicionais (doravante UCIs - use-conditional item)

4.1. Significado de uso-condicional

A semântica das línguas naturais é automaticamente designada como o campo que lida com o significado. Mas delimitar o que é o significado linguístico não é tarefa simples, e sofre dos percalços de haver diferentes formas de ser delimitado. Contudo, podemos dizer que a concepção estruturalista, que trata prioritariamente do significado de morfemas e do léxico, daí partindo para outras estruturas ou níveis de articulação linguísticos, é ainda aquele que norteia os estudos semânticos.

Sobre a natureza do significado, há aqueles que abordam o significado como uma entidade de natureza mental, uma representação interna das coisas do mundo denominado de “conceito”. Há aqueles que identificam o significado externamente, como uma representação dos estados-de-coisas do mundo, e há também quem foca o significado no uso da língua, delimitando e determinando as condições sociais para capturar o sentido (Neto; Müller; Oliveira, 2012).

A Semântica Formal é uma vertente empírica e preditiva, que encontra seus fundamentos na chamada “lógica clássica”, logo empresta a metalinguagem da Lógica para

explicitar ao máximo suas premissas e refutações, e a formalização é necessária para alcançar o rigor de uma ciência, deixando claro o compromisso de ser um campo empírico e preditivo.

O marco do encontro da Lógica com a Linguística foram os textos de G. Frege, principalmente no trabalho intitulado “*Begriffsschrift, eine der arithmetischen nachgebildete Formelsprache des reinen Denkens*”, publicado em 1879, depois vieram muitos outros estudiosos que contribuíram para a Linguística em geral ou para alguns fenômenos particulares tais como Russell (1872-1970), Carnap (1891-1970), Wittgenstein (1889-1951), Tarski (1901-1983), Quine (1908-2000), Hintikka (1929-2015) também não podemos deixar de citar alguns autores contemporâneos, como Kripke (1940), Partee (1940), Chierchia (1953), Kratzer (1977), Kaplan (1933), Dayal (1956) e tantos outros estudiosos.

Os trabalhos mencionados de Kaplan (2004), Potts (2005; 2007) e Gutzmann (2015) lidam com fenômenos linguísticos que, em geral, não são alvo de estudos da Semântica Formal. O objeto de estudo desse campo é a sentença, precisamente as sentenças declarativas, aquelas sentenças que descrevem algo do mundo, e assim são conhecidas como sentenças descritivas. Por outro lado, há sentenças ou estruturas expressivas⁶², que são aquelas que expressam o ponto de vista do falante, como os palavrões, interjeições, expressões marcadas de preconceitos, entre outras.

No trabalho intitulado *Use-condicional meaning* de Daniel Gutzmann, publicado em 2015, encontramos uma obra que foca justamente nessas expressões que possuem *significado uso-condicional*⁶³, ou seja, que expressam uma opinião do falante e que não são avaliadas por condições de verdade⁶⁴. Vejamos um exemplo:

- (1) O **cachorro** latiu a noite toda
- (2) O **vira-lata** latiu a noite toda

⁶² Usaremos o termo “expressivo” de Kaplan (1999) como sinônimo dos mesmos itens que Gutzmann (2015) chama de uso-condicional (em oposição ao termo ‘veri-condicional’).

⁶³ Esse termo parte da ideia de que o significado de algumas expressões não é avaliado pelas condições de verdade e possuem diferentes denominações na literatura, como *colored* (FREGE, 1897/1979 *apud GUTZMANN, 2015*), “*emotive*” (JAKOBSON, 1960; STEVENSON, 1937 *apud GUTZMANN, 2015*), “*evaluative*” (HARE, 1952 *apud GUTZMANN, 2015*), “*expressive*” (KAPLAN, 1999. POTTS 2007b *apud GUTZMANN, 2015*), “*preocedural*” (BEZUIDENHOUT, 2004 *apud GUTZMANN, 2015*), “*non-congnitive*” (CRUSE, 1986 *apud GUTZMANN, 2015*), *non-descriptive* (DAVIS, 2005; KAPLAN, 2004 *apud GUTZMANN, 2015*), “*non-ideational*” (RECANATI, 2004b *apud GUTZMANN, 2015*).

⁶⁴ Para a Semântica Formal, *condição de verdade* é o julgamento do falante em relação à sentença proferida e como o mundo deveria ser para que essa sentença fosse verdadeira, por exemplo, o falante ouve alguém dizer “está chovendo”, ele sabe o que a sentença significa e determina se a sentença é verdadeira se estiver chovendo no momento do proferimento.

Ambas as sentenças possuem o mesmo conteúdo em termos de condição de verdade; porém, na sentença (2), o falante expressa uma atitude negativa em relação ao cachorro ao usar “vira-lata”. Note ainda que ao trocarmos “vira-lata” por “cachorro” o valor de verdade permanece o mesmo, mas o conteúdo que mostra a atitude negativa do falante se perde.

O domínio da orientação das condições de verdade na semântica tem em parte excluído das análises as expressões que contribuem convencionalmente com conteúdos uso-condicionais, deixando expressões como “vira-lata” e sua contribuição semântica fora do escopo dos estudos.

Gutzmann (2015) ressalta que, analisar os itens uso-condicionais, não significa que devemos abandonar técnicas e ferramentas desenvolvidas por mais de um século pela abordagem Lógica das condições de verdade. Ao contrário, como também sugere Kaplan (2004), o método da semântica de condições de verdade pode ser estendido para os aspectos dos itens de significado uso-condicional.

Antes de avançarmos a discussão para a natureza semântica dos itens de significado uso-condicional, vamos apresentar algumas terminologias de Gutzmann (2015) que permeiam todo seu trabalho, e que também empregaremos.

Vimos anteriormente que a sentença (1) é descritiva, e, logo, ela é avaliada pelas suas condições de verdade; em contrapartida, temos UCIs (itens uso-condicionais) como “vira-lata” na sentença (2). Mas há também itens mistos, que são expressões que contribuem tanto para o conteúdo veri-condicional quanto uso-condicional. Por exemplo⁶⁵:

(3) Aquele **gringo** chegou.

O termo ‘gringo’⁶⁶ é avaliado pelas condições de verdade, se o indivíduo é ou não estrangeiro. Por outro lado, está também simultaneamente presente a opinião negativa do falante em relação ao indivíduo – esse é o contraste entre ‘estrangeiro’ e ‘gringo’, pois somente o segundo carrega conteúdo uso-condicional juntamente com a informação veri-condicional.

O termo *misto* cunhado por McCready (2010), e adotado por Gutzmann (2015), se insere na ordem de análise de expressões, cujo significado se desenvolve em duas dimensões, e, portanto, chamada de abordagem multidimensional do significado. Então temos a dimensão de valor de verdade, a que se atribui 1 (verdadeiro) ou 0 (falso), e a dimensão do uso, sendo

⁶⁵ Outro exemplo regional é a expressão ‘polaco’ designa aquele indivíduo que é de origem polonesa e possui uma conotação negativa em relação aos indivíduos poloneses ou eslavos em geral.

⁶⁶ A banca apontou que este termo tenha perdido a carga pejorativa, que afirma o dicionário, contudo este item é um bom exemplo para explicar a teoria de Gutzmann (2015).

que em determinado contexto o uso da expressão foi feliz ou não atribuindo assim a ela ✓ (felicidade) e ✗ (infelicidade), logo temos a seguinte combinatória que fica especialmente explícita com termos mistos:

[1, ✓] [1, ✗]

[0, ✓] [0, ✗]

Por exemplo:

Verdade + Feliz: [1, ✓]

Puxa! Eu ganhei na loteria! – Dita num mundo em o falante ganhou na loteria e está feliz.

Falso + Feliz: [0, ✓]

Puxa! Eu ganhei na loteria! – Dita num mundo em o falante Não ganhou na loteria e está feliz porque acredita que ganhou.

Verdade + Infeliz: [1, ✗]

Ah, que droga! Eu estou feliz que o João chegou. – Dita num mundo em que o João de fato chegou, mas o falante afirma que isso é ruim e está feliz. (por isso a sentença é estranha ✗).

Falso + Infeliz: [0, ✗]

Ah, que droga! Eu estou feliz que o João chegou. – Dita um mundo em que o João Não chegou, mas o falante afirma que isso é ruim e que está feliz. (por isso a sentença é estranha ✗).

Na seção seguinte, vamos apresentar os tipos de UCIs segundo Gutzmann (2015) e como o autor classifica as interjeições analisando seu significado expressivo.

4.2. Tipos de expressivos

O grupo de UCIs num sentido restrito é chamado de *expressivos* porque expressa sentimento ou opinião do falante com algum grau de efeito (GUTZMANN, 2015). Essa categoria heterogênea abarca expressões e epítetos pejorativos ('bastardo', 'idiota'), alguns

adjetivos ('maldito', 'droga (de)'), sendo que estes itens contribuem somente para a dimensão expressiva. Do ponto de vista veri-condicional tais expressões não alteram as condições de verdade de uma sentença, por exemplo:

(4) Eu ouvi seu **maldito/ idiota/droga (de)**/ Ø cachorro latir a noite.

Independentemente de usar um dos termos em negrito em (4) ou não usar nada, as condições de verdade de (4) são as mesmas. O que muda, de fato, é a opinião do falante sobre o cachorro.

Gutzmann (2015), assim como Cruse (*apud* 2004. p. 57), nota que tais expressivos são chamados de *expletivos*. Segundo Gutzmann (2015) podemos analisar os expletivos da seguinte maneira:

Eu ouvi seu maldito cachorro latir à noite =	Maldito cachorro

Eu ouvi seu cachorro latir à noite.	

Quadro 4.1: Análise multidimensional do expletivo

Neste caso nós temos o item expletivo 'maldito' analisado na dimensão expressiva (ou uso-condicional), ao passo, que o restante da sentença será analisado na dimensão veri-condicional.

Para Gutzmann (2015), as interjeições também fazem parte do grupo UCIs. O autor não utiliza a classificação de Ameka (1992) de interjeições primárias e secundárias, porém o cita em seu trabalho, e nota, que itens, que pertencem a outras classes gramaticais, ou seja, são itens veri-condicionais, podem ser usados como interjeições, por exemplo 'cara'⁶⁷ ou itens que já tem uma carga expressiva, como 'merda', vejamos os exemplos a seguir:

(5) Ai! Bati meu dedão. (KAPLAN, 2004)

(6) Que calor, cara! (*apud* MCCREADY, 2009)

(7) Merda! Esqueci minhas chaves. (GUTZMANN, 2015)

Assim como as expressões pejorativas e alguns adjetivos, as interjeições também são termos expletivos. De acordo com Gutzmann (2015), as interjeições são interessantes porque mesmo as interjeições secundárias não interferem no cálculo das condições de verdade da sentença e

⁶⁷ Em inglês a expressão é 'man'.

elas não precisam de um item/sentença veri-condicional para completar seu sentido⁶⁸. As interjeições podem ser proferidas sozinhas e o seu significado uso-condicional será transmitido pelo falante:

- (8) Ai!
- (9) Ops!
- (10) Vixi!

Apesar de Gutzmann (2015) não tratar do fato de que as interjeições são sintaticamente independentes, é exatamente disso que se trata nessa situação, o emoção/sentimento de dor, surpresa e espanto respectivamente nos exemplos (8) a (10) são transmitidos independentemente de outra sentença. Semanticamente, as interjeições são consideradas *expletivos isolados* pela razão de elas serem sintaticamente independente, ao contrário das expressões pejorativas e alguns adjetivos (GUTZMANN, 2015).

Outros expressivos que fazem parte da categoria UCIs são expressões marcadas de preconceitos, por exemplo, ‘vira-lata’; essas expressões são um tanto diferente dos outros UCIs que já foram apresentados até momento, porque as expressões marcadas de preconceitos possuem uma denotação uso-condicional e veri-condicional, neste caso podemos retomar os exemplos (2) e (3) abaixo:

- (2) O vira-lata latiu a noite toda.
- (3) Aquele gringo chegou.

De acordo com Gutzmann (2015), as expressões marcadas de preconceitos são denominadas de *mistos*, pois eles possuem um conteúdo uso-condicional – a opinião negativa do falante – e simultaneamente contribuem na dimensão veri-condicional; no caso (2) ‘vira-lata’⁶⁹ designa o cachorro que não tem raça definida e na sentença (3) a expressão ‘gringo’⁷⁰ caracteriza um estrangeiro, especialmente norte-americano.

⁶⁸ Exceto a interjeição ‘tomara’ que foi apresentada no capítulo 3, na seção 3.4., “Outros critérios: seleciona como complemento uma sentença, acompanha gestos ou apontamento, repetibilidade e possui mais de um significado”.

⁶⁹ Consultamos o dicionário *Priberam online*. Acesso: 28 de novembro de 2018.

⁷⁰ Consultamos o dicionário *Priberam online*. Acesso: 28 de novembro de 2018.

Como foi dito anteriormente, os itens expletivos não entram no cálculo das condições de verdade da sentença, isso, porém não ocorre com UCIs mistos justamente porque eles também trazem informação veri-condicional. Vejamos nos exemplos abaixo:

- a. Aquele amigo gringo do João chegou tarde. Logo, o amigo do João é estrangeiro.
- b. #Aquele amigo do João chegou tarde. Logo, o amigo do João é estrangeiro.

A afirmação (a) é coerente, pois é possível implica que o amigo do João é estrangeiro pelo item ‘gringo’ que carrega essa informação. Ao contrário, da afirmação (b) não é possível afirmar que o amigo João é estrangeiro sendo que está informação não está explícita na sentença.

Pensando na composição semântica dos UCIs mistos podemos considerar três contextos: (i) a troca de itens mistos por itens “simples” (i.e., que contribuem em apenas uma dimensão de significado); (ii) a negação; e (iii) contextos de pergunta. Vejamos o comportamento de itens mistos, tomando ‘gringo’ como exemplo, segundo esses contextos.

Começando pela troca de itens, o critério (i), no caso do item ‘gringo’ nós podemos retirar o conteúdo expressivo da sentença usando outro item que tenha a mesma informação, porém não carrega um sentido negativo (que é sua contraparte expressiva), por exemplo:

(11) Aquele amigo estrangeiro do João chegou tarde.

Temos uma expressão ‘estrangeiro’ que é analisada apenas na dimensão veri-condicional sem expressar uma atitude negativa do falante em relação ao indivíduo. Consideremos agora os outros contextos, (ii) a negação em (12) e (iii) a pergunta em (13):

(12) Maria: João não é gringo. # Mas eu gosto de estrangeiros.

(13) Maria: João é um gringo?

Mario: #Não, ele é estrangeiro.

Vamos ver esses exemplos de outro modo:

João não é gringo =	Atitude negativa em relação aos estrangeiros
	\neg (João é estrangeiro)

Quadro 4.2: Análise multidimensional de ‘gringo’ na negação

João é um gringo? =	Atitude negativa em relação aos estrangeiros
	? (João é estrangeiro)

Quadro 4.3: Análise multidimensional de ‘gringo’ em pergunta

No exemplo (12) e no quadro 4.2., temos a operação de negação. Note que o “não” não tem escopo sobre o item “gringo”, portanto abrange somente a dimensão veri-condicional. Por isso, logo na sentença seguinte, em que Maria tenta reformular sua posição em relação às pessoas vindas de fora do país na sentença “mas eu gosto de estrangeiros” o resultado é estranho, pois ambas as dimensões estão presentes em um único item “gringo”, mas a negação só atinge uma delas e a contribuição uso-condicional continuará presente.

Temos uma situação parecida na sentença (13) e no quadro 4.3 em situação de pergunta. Maria questiona se João é gringo, e a resposta de Mario, “não, ele é estrangeiro”, é novamente sobre a parte veri-condicional de “gringo”, sem negar a parte uso-condicional, dessa forma gerando a mesma estranheza em tentar operar sobre apenas uma dimensão (veri-condicional) do item.

Logo, os itens mistos contribuem para ambas as dimensões: uso-condicional e veri-condicional. Somado ao fato que não podemos isolar a parte expressiva sem causar estranheza, porque a opinião negativa do falante é inerente ao UCI, como ‘gringo’, não se aplica a especificamente a um argumento da sentença, mas a todos os indivíduos estrangeiros.

João é um gringo =	Atitude negativa em relação aos estrangeiros
	João é um estrangeiro

Quadro 4.4: Análise multidimensional de ‘gringo’

Temos dois níveis de significado um é opinião do falante (significado uso-condicional) e outro é a informação ‘ser estrangeiro’ (significado veri-condicional), a opinião do falante pode mudar, contudo o fato de ser estrangeiro não. Vejamos as afirmações abaixo:

- c. João é um gringo, mas ele é um cara legal.
- d. # João é um gringo, mas geralmente, eu gosto de estrangeiros.
- e. # Geralmente, eu gosto de estrangeiros, mas João é um gringo.

Diante dessas informações temos que ‘gringo’ é um termo genérico que se aplica a todos os indivíduos estrangeiros, sendo esse UCI de uso geral é possível aceitar a mudança de opinião com relação ao João (no caso das afirmações), porque se trata de apenas um indivíduo, contudo não permite a mudança de opinião com relação a todos os indivíduos estrangeiros.

Abaixo temos um quadro com os grupos de UCIs feitas até momento de acordo com Gutzmann (2015):

Itens / Grupos de UCIs	Exemplos	Expletivos	Mistos
Expressões pejorativas e alguns adjetivos	Maldito, idiota, droga (de)	+	-
Interjeições	Oba! Meu Deus! Vixi!	+	-
Expressões marcadas de preconceitos	Gringo, polaco, vira-lata	-	+

Quadro 4.5: Grupos de UCIs

Partindo dessa classificação vamos prosseguir para a próxima seção focando nas interjeições e seu conteúdo uso-condicional na perspectiva de Gutzmann (2015).

4.3. As interjeições são UCIs

Ao longo deste trabalho, viemos apresentando argumentos a favor das interjeições como UCI. No capítulo 2, por meio dos testes de Potts (2005; 2007) aplicados às interjeições afirmamos que (i) as interjeições não podem ser avaliadas pelas condições de verdade; (ii) estão ligados ao falante; (iii) e nas interjeições, assim como nos outros UCIs, não é possível expressar, de forma exata e por meio de paráfrase, o conteúdo uso-condicional .

Kaplan (2004) defende que as interjeições devem ser analisadas na dimensão uso-condicional, pois é o contexto que determina se o uso de um UCI é feliz ou não, de modo semelhante aos indexicais, pois o contexto fornecerá as informações necessárias (c_a , c_o , c_t , c_l , c_w).

Também no capítulo 2, nós aplicamos o teste de discurso reportado direto e indireto em uma interjeição ('oba!'), um UCI ('droga (de)'), um indexical ('eu') e uma sentença descritiva ('A Lua é feita de queijo'), os resultados mostraram que as interjeições em discurso indireto geram estranheza, pois elas não têm conteúdo veri-condicional (i.e., descritivo) com qual possa contribuir, somente conteúdo uso-condicional, ao contrário da sentença descritiva e do indexical.

No caso de 'droga (de)' e de outros UCIs estamos diante de um tipo de predicado que se aplica a um dado argumento na sentença, portanto essas construções são sintaticamente incompletas, ao passo que as interjeições são sintaticamente independentes.

E vimos na seção anterior (4.2. tipos de expressivos) que há diferentes tipos de UCIs, sendo a classe das interjeições distinta dos outros grupos (expletivo e misto), e a principal característica que distingue as interjeições dos outros UCIs é fato de serem sintaticamente independentes.

Partindo do fato de que as interjeições são expletivos isolados, vamos aplicar alguns critérios de Gutzmann (2015) a esses itens levando em consideração o contexto de uso. Primeiro o critério de *dimensionalidade* [+/- 2d] que consiste no fato do UCI contribuir para a dimensão veri-condicional e/ou uso-condicional. As interjeições são [- 2d] assim como outros UCIs expletivos, como 'maldito'.

Como vimos, no capítulo 2, as interjeições são sintaticamente independentes, portanto não precisam de complemento veri-condicional⁷¹; logo, em relação ao critério de *funcionalidade*, [+/- funcionalidade] as interjeições são [-f] como alguns UCI mistos, como 'gringo'. Pois considera-se que na dimensão uso-condicional que se refere à atitude negativa do falante em relação ao indivíduo não depende de outro argumento, ainda que na dimensão veri-condicional que se refere as condições de verdade o item 'gringo' precise preencher um argumento na sentença.

Na tabela abaixo adaptada temos os critérios de dimensionalidade [+/- 2d] e funcionalidade [+/- f] aplicados aos grupos expletivos, expletivos isolados e mistos:

⁷¹ Como vimos no capítulo 3, na seção 3.4., apesar de 'tomara!' selecionar uma sentença (veri-condicional) como complemento, esse item é um UCI, pois não pode ser avaliado pelas condições de verdade. Neste trabalho, consideramos que essa interjeição tem uma estrutura argumental preenchida por conteúdos indexicais e proposicionais. Logo, nesse critério de funcionalidade 'tomara!' é a única interjeição que é [+ f].

Critérios/ grupos UCIs	Exemplos	Funcionalidade [f]	Dimensionalidade [2d]
UCIs expletivos isolados – interjeições	‘Ai!’, ‘Meu Deus’, ‘vixi!’, ‘opa!’	-	-
UCIs expletivos	‘maldito’, ‘idiota’, ‘otário’	+	-
UCIs mistos	‘gringo’, ‘polaco’	-	+

Quadro 4.6: Critérios aplicados aos grupos de UCIs

Podemos adotar a representação proposta por Gutzmann (2015) para lidar com as interjeições. Em seu trabalho, uma sentença S , que contém um UCI ε , é representada como “ $S [...\varepsilon...]$ ”; as contribuições descritivas de S ficam abaixo da linha depois do sinal de igual e as contribuições expressivas ε , ficam acima da linha, como abaixo:

$$S [...\varepsilon...] = \frac{\varepsilon}{S}$$

Nesta seção, nós conseguimos reforçar nossos argumentos de que as interjeições são um tipo UCI com intuito e trabalhar um pouco mais o conteúdo expressivo desses itens por meio dos conceitos e análises propostas por Gutzmann (2015).

4.4. Conclusão

Neste capítulo, investigamos os itens UCIs ou como Kaplan (2004) denomina itens expressivos. A Semântica Formal fornece um aparato teórico para trabalhar com uma série de construções linguísticas; contudo, os itens UCIs, em princípio, fogem do seu escopo de estudo, pelo fato de não serem avaliados pelas condições de verdade.

Gutzmann (2015), assim como Kaplan (2004), defende que é possível estender o método da semântica de formal aos aspectos dos itens de significado uso-condicional. Para Gutzmann (2015), temos duas dimensões de análise para itens/construções linguísticas expressivas: uma dimensão de uso-condicional e outra de dimensão veri- condicional. Os

itens como interjeições, palavrões, expressões pejorativas, entre outros se dividem nas duas dimensões de análises.

Os itens expletivos ('bastardo', 'idiota', 'maldito', 'droga') contribuem somente para dimensão uso-condicional. Já os itens mistos ('gringo', 'polaco') contribuem na dimensão uso-condicional e veri-condicional simultaneamente.

As interjeições compartilham algumas características com os outros tipos de UCI, como (i) as interjeições não podem ser avaliadas pelas condições de verdade; (ii) esses itens estão ligados ao falante; e (iii) não é possível formular uma paráfrase que capture o seu conteúdo expressivo exato. Contudo, a independência sintática das interjeições as torna um tipo específico de UCIs, os expletivos isolados.

O trabalho de Gutzmann (2015) se alinha com a abordagem conceitualista, pois podemos usar as mesmas ferramentas das teorias formais, usadas para explicar outros fenômenos linguísticos, para lidar com a classe das interjeições. A seguir a considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interjeições, como vimos, formam uma classe pouco estudada e descrita por definições imprecisas – expressam sentimentos e emoções do falante –, que não dizem muito sobre seu funcionamento e comportamento. Ameka (1992, 2006) faz um interessante trabalho ao mostrar os problemas linguísticos envolvidos nesse tipo de concepção e conceitualização das interjeições. O autor faz um verdadeiro exercício de linguística descritiva e pensamento analítico, ao considerar, simultaneamente, diversos fatos linguísticos, conceitos e níveis de análise linguística para dar conta de sistematizar as interjeições e sua investigação.

O trabalho de Ameka (1992) é um dos mais importantes exemplos da abordagem conceitualista, e não é por acaso que é citado em outros trabalhos similares de análises linguísticas. No capítulo 1, apresentamos visões de análises e tratamentos das interjeições, como os não conceitualistas e os conceitualistas. Ameka (1992), Wilkins (1992), Kaplan (2004), entre outros autores, assim como nós, defendem que as interjeições fazem parte da língua e podem/devem ser tratadas com as mesmas ferramentas utilizadas para lidar com itens das outras classes gramaticais.

Através de comparações linguísticas entre as interjeições e as “partículas”, “rotinas”, conjunções, onomatopeias e ideofones, Ameka (1992) mostra que essa classe possui suas propriedades, e, portanto não pode ter seus membros confundidos com itens de outras classes nem devemos incluir outros itens na classe das interjeições. A partir disso, o autor abre terreno para refletirmos sobre uma classificação desses itens.

A classificação elaborada por Ameka (1992), entre interjeição primária e secundária, nos forneceu os primeiros parâmetros sobre como lidar com essa classe, sendo uma classificação importante que é levada em consideração até por autores de uma perspectiva não conceitualista. Além disso, Ameka (1992) propõe uma classificação baseada em funções específicas de comunicação, com base nas categorias: expressiva, conativa e fática.

Ameka (1992) nos fornece uma direção a ser seguida para uma pesquisa mais cuidadosa sobre as interjeições, e partindo de todas as considerações do autor avançamos o trabalho na direção de fornecer uma descrição formal desses itens.

No capítulo 2, nosso intuito foi mostrar que é possível oferecer uma definição razoável e interessante sobre o funcionamento sintático-semântico das interjeições. O caminho que percorremos foi guiado pelo trabalho de Wilkins (1992), que se dedica a mostrar que as interjeições são sentenças completas que podem ser consideradas como um tipo de indexical.

Por meio de vários argumentos, Wilkins (1992) defende que as interjeições são sentenças completas que possuem informações contextuais em sua estrutura que são recuperadas no contexto de fala. Para trabalhar com indexicais e seu funcionamento, recorreremos à renomada teoria de Kaplan (1989), segundo a qual os indexicais são itens linguísticos cuja referência varia em função do contexto de proferimento; o mesmo que ocorre com as interjeições.

Além de as interjeições serem um tipo de indexical, elas têm conteúdo expressivo (KAPLAN, 2004). Para mostrar que esses itens possuem conteúdo expressivo, aplicamos os diversos testes para detecção de expressivos apresentados em Potts (2005, 2007). Os testes são independência, não-destacabilidade, dependência da perspectiva, infabilidade descritiva, imediatismo e repetibilidade; ao final, por meio do resultado dos testes, podemos considerar que as interjeições são itens expressivos.

Essa constatação, como dissemos, dá força à abordagem conceitualista sobre as interjeições, mas também preserva as diferenças de significado entre interjeições e várias outras construções linguísticas, justamente porque as interjeições dão sua contribuição de significado numa dimensão diferente daquela responsável pelo significado veri-condicional (ou descritivo): sua contribuição se dá na dimensão expressiva do significado.

Desenvolvemos e realizamos uma importante comparação entre uma interjeição ('oba!'), um indexical ('eu'), um UCI ('droga (de)') e uma sentença ('A Lua é feita de queijo') em situação de discurso reportado direto e indireto, e o resultado corroborou nossa constatação que as interjeições possuem somente conteúdo expressivo e recupera as informações indexicais (c_a , c_o , c_t , c_l , c_w) no contexto de fala, e por isso tem um comportamento peculiar que não é idêntico nem a indexicais nem a outros itens/ construções que têm também conteúdo descritivo (veri-condicional).

Ainda no capítulo 2, mostramos interessantes evidências que apontam que as interjeições podem ser consideradas como sentenças completas que carregam informações contextuais kaplanianas e são um tipo de UCIs.

A ideia do capítulo 3, por sua vez, era mostrar como as interjeições podem desempenhar outras funções, além de expressar sentimentos e emoções e lidar com a tipologia heterogênea da classe, a partir de uma seleção de interjeições do PB.

Realizamos um levantamento de quatro gramáticas tradicionais comumente usadas no Brasil e um *site* referente à gramática tradicional. Diante dessas obras, selecionamos aquelas interjeições que apareciam em pelo menos 3 obras diferentes (ou seja, a mesma interjeição

apareceu em pelo menos 3 obras diferentes); considerando o tempo e o escopo do trabalho, definimos um limite de 30 interjeições para analisarmos.

A partir dessa seleção de interjeições, revimos a classificação de Ameka (1992) de interjeição primária e secundária, que é a primeira classificação que vimos neste trabalho. Em seguida, tratamos da classificação, ainda de Ameka (1992), que foca nas funções comunicativas desses itens, como emotiva, cognitiva, conativa e fática.

Além dos critérios de Ameka (1992), levamos em consideração critérios que têm a ver com o contexto de fala kaplanianos que são relevantes na interpretação das interjeições; são eles: se a interjeição (i) seleciona como complemento uma sentença, (ii) é acompanhada por apontamentos ou gestos, (iii) repetibilidade, e (iv) possui mais de um significado.

Como saldo, temos em mãos um panorama da classe das interjeições mais amplo e, em certa medida, mais descritivo linguisticamente, pois nos apoiamos em critérios de classificação que estão concatenados ao contexto de fala, dado que o falante recupera as informações contextuais na situação de fala para interpretar as interjeições.

Por fim, no capítulo 4, nós dispusemos a focar no “significado expressivo” das interjeições. Apresentamos os tipos de UCIs, sendo os expletivos (‘maldito’, ‘idiota’, ‘bastardo’ e entre outros), os expletivos isolados (‘oba!’, ‘vixi!’, ‘maravilha!’, etc) e os mistos (‘gringo’, ‘vira-lata’).

Na perspectiva de Gutzmann (2015), exploramos o conteúdo uso-condicional das interjeições apresentando um esboço de classificação e tratamento, recorrendo às ferramentas formais que são usadas para tratar outros fenômenos linguísticos com conteúdos descritivos.

Dentro do quadro dos tipos de UCIs as interjeições são diferentes pelo fato de serem sintaticamente independentes. Essa característica é inerente a essa classe e perpassa por todo nosso trabalho desde sua conceitualização até o seu conteúdo expressivo.

Como conclusão, temos que podemos tratar as interjeições com as mesmas ferramentas de descrição linguística usada para lidar com outros itens da língua. Assim sendo, este trabalho mostra, entre outras coisas, que é possível fornecer uma forma de análise e tratamento que condiz com as características da classe.

Em nossa hipótese de pesquisa, trouxemos à tona noções que circundam a classe das interjeições nas gramáticas tradicionais, porém não são aprofundadas, como o fato de esses itens serem considerados como sentenças completas. Durante nosso trabalho, desenvolvemos e apresentamos ideias que validam essa noção, assim como também investigamos a natureza indexical e o conteúdo uso-condicional das interjeições.

Outro passo que fortaleceu nossa hipótese foi à aplicação dos critérios de classificação das interjeições. Isso promoveu um interesse ainda maior à investigação dessa classe, tendo em vista a heterogeneidade de seus itens e a complexidade envolvida em sua descrição e análise. A seguir expomos os trabalhos futuros.

TRABALHOS FUTUROS

Esta pesquisa suscitou outros temas que estão relacionados às interjeições, trabalhos que podem ser aprofundados a partir das análises descritivas, classificação e tratamento desde a conceitualização até o conteúdo uso-condicional da classe das interjeições. Tais trabalhos são:

- Uma comparação entre as interjeições e imperativo, podendo partir da dissertação do Yan Nicolai (2018) sobre os imperativos, que apresenta um panorama de como lidar com esses itens no nível semântico, sintático e pragmático. A partir dos dois trabalhos (TEIXEIRA, 2017; NICOLAI, 2018) é interessante fazer um levantamento de interjeições e imperativos com o intuito de descrever semelhanças e diferenças e explorar questões pragmáticas de uso.
- Wierzbicka (1992) e outros autores discutiram um pouco sobre se as interjeições são atos de fala. É um tema que está relacionado ao falante, interlocutor e contexto de fala, sendo que são elementos importantes na interpretação semântica da interjeição. É interessante investigar os argumentos a favor e contra o fato de as interjeições serem atos de fala; dentro do nosso quadro de classificação de interjeições pode explorar quais itens são atos de fala; e quais são características no contexto de uso para uma dada interjeição ser ato de fala.
- Gutzmann (2013, 2015) tem um extenso trabalho sobre os itens UCIs, é interessante fazer um levantamento desses itens no PB e fazer uma classificação, talvez seguindo critérios semelhantes dos que trabalhamos no capítulo 3 com as interjeições. Neste trabalho é possível observar as individualidades dos itens dentro do grupo UCIs juntamente com as interjeições.

Estes são alguns trabalhos que foram se destacando durante a pesquisa como possíveis investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- AMEKA, F. *Interjections: The universal yet neglected part of speech*. Journal of Pragmatics 18, 1992.p. 101-118,1992.
- AMEKA, F. *Interjections*. Encyclopedia of language & linguistics. Oxford: Elsevier.2006. p 743 – 746.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Ed. 37. ver., ampl e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.
- ARAUJO, G.A. *Ideofones na língua são-tomense*. Papiá19. pp. 23-37. ISSN 0103-9415. 2009.
- BASSO, R; TEIXEIRA, A. *Interjeições indexicais expressivos: uma proposta de tratamento em semântica formal*. Revista Veredas Online, vol.21, Issue 2, 2017.p. 78 – 94.
- BASSO, R.; TEIXEIRA, L. R. *Monstros no Discurso (Meta)ficcional*. Revista Letras, Curitiba, n. 83, p. 133-162, jan./jun. 2011. Editora UFPR. ISSN 0100-0888 (versão impressa); 2236-0999 (versão eletrônica)
- CIPRO NETO, P. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas/Londrina: Editora da UNICAMP/Eduel. 2003.
- CUENCA, M. J. *Defining the indefinable? Interjections*. Syntaxis 3. pp. 29-44. 2002.
- DAL’ AVAL, F.M. *Indexicais descritivos: uma investigação semântico-pragmática*. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, 2018.
- DE NICOL, J; INFANTE.U. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997
- FARACO, C. E; MOURA, F; M.MARUXO JR, J. H. *Gramática*. São Paulo: Ática, 2007.
- GRICE, H. P. (1975). *Logic and conversation*. In COLE, P. & J. MORGAN (eds.). Syntax and Semantics. Vol. 3. 41-58. New York: Academic Press. Reprinted in GRICE,1989.
- GRINGO. IN: DICIONÁRIO PRIBERAM. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/gringo> > Acesso em 28 de novembro de 2018.
- FORTIN, A. *The Morphology and Semantics of Expressive Affixes*. 233f. Tese (Filosofia em Linguística), Oxford, 2011.
- FREITAG, R. M. *Marcadores discursivos não são vícios de linguagem*. Interdisciplinas. V4,nº4- p.22-43-jun/dez de 2007.
- GOTTLOB, F. *Begriffsschrift, eine der arithmetischen nachgebildete Formelsprache des reinen Denkens*. Verlag: Verlag von Louis Nebert; Adresse: Halle. Web-Link 0, Web-Link 1, 1879.

GUTZMANN, D; GÄRTNER, H. *Beyond expressives: explorations in use-conditional meaning*. Boston: University Leiden: Brill, 2013.

GUTZMANN, D; MCCREADY, E. Quantification with pejoratives. *Pejoration*. John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 75 – 102.

KAPLAN, D. *Demonstratives*. In J. ALMOG, J. PERRY and H. WETTSTEIN (eds.) *Themes from Kaplan*, pp. 481-563. New York: Oxford University Press. 1989/1977.

KAPLAN, D. *The meaning of ouch and oops*. Los Angeles: University of California. 2004/1999. Palestra. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=iaGRLJgPl6w&t=84s>>

LEXEMA. IN: DICIONÁRIO OXFORD ONLINE. Disponível em <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/lexeme>>. Acesso em 02 de maio de 2018.

MARCUSCHI, A. Notas sobre a interjeição. In: MARCUSCHI, A. *Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 133-142.

MARCUSCHI, A. Análise da conversação. In: *Marcadores conversacionais*. São Paulo, Ática, 1986. p. 61-74.

MCCREADY, E. *What man does*. In: *Linguistics and philosophy*. Springer, 2018. V.41. p. 671-724. DOI: 10.1007/s10988-009-9052-7.

MCCREADY, E. *Varieties of conventional implicature*. In: *Semantics and Pragmatics*. Volume 3, 2010. p. 1- 57.

MORAES, J. *Fórmulas de rotinas – definição, funções e classificação*. *Pandaemonium germanicum*, volume 12, 2008. p. 210 – 220.

NETO, J.B; MÜLLER. A; OLIVEIRA.R.P. *A semântica formal das línguas naturais: histórias e desafios*. *Revista de Estudo de Linguagem*, volume 20 nº, 2012. p. 1. 119 – 148.

NICOLAI, Y. M. *Imperativos do português brasileiro: um estudo através da interface sintático-semântico-pragmático*. 165f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, 2018.

OLIVEIRA, L.R.P.F. *Das partes da oração às classes gramaticais*. *Anais do SIELP*. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.

OLIVEIRA, T.B. *Elisão nominal e questões de interface: fronteiras prosódicas*. 106f. Dissertação de mestrado – PUC – RIO, Rio de Janeiro, 2014.

ONOMATOPEIA. In. DUBOIS. J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 442.

OPA. In. DICONÁRIO PROBERAM. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/opa> >. Acesso em 27 de abril de 2018.

POTTS, C. *The Logic of Conventional Implicatures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics* 33(2), 2007. p. 165–197.

PUXA. In. DICONÁRIO PRIBERAM. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/puxa> >. Acesso em 27 de abril de 2018.

SAG, I.A. *Deletion and logical form*. 376f. Tese (Doutorado em filosofia). Massachusetts Institute of Technology, junho, 1976.

SARMENTO, L.L. *Gramática em textos*. 2ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005.

SÓ PORTUGUÊS. Disponível em < <https://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf89.php> >

SACONI, L. A. *Interjeição*. In: Nossa gramática: teoria. São Paulo: Atual, 1990. p. 277-278.

SCHLENKER, P. Indexicality and *De Se* Reports, 2010. Disponível em: https://files.nyu.edu/pds4/public/Schlenker-Indexicality_and_De_Se.pdf

TEIXEIRA, A. *As interjeições do português brasileiro nas perspectivas da semântica e pragmática formais*, 2014. Primeiro Relatório do Projeto de iniciação científica, processo número: 2014/05053-8.

TEIXEIRA, A. *As interjeições do português brasileiro nas perspectivas da semântica e pragmática formais*, 2015. Segundo Relatório do Projeto de iniciação científica, processo número: 2014/05053-8.

TEIXEIRA, A. *As interjeições do português brasileiro nas perspectivas da semântica e pragmática formais*. 36f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

TEIXEIRA, L.R. *Indexicais e operadores-monstros no português brasileiro*. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

TEIXEIRA, L.R. *Os demonstrativos: uma análise semântico-pragmática baseada em situações*. 155f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. Revisão Técnica de Ingedore Villaça Kock e Thaís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 2004. P. 364. ISBN 85-7244-254-4.

VIRA-LATA. In. DICONÁRIO PRIBERAM. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/vira%20lata> >. Acesso em 28 de novembro de 2018.

WHARTON, T. *Interjections, language and the 'showing'/'saying' continuum*. *UCL Working Papers in Linguistics* 12, 2000. p. 173-213.

WHARTON, T. Interjections, language and the 'showing'/'saying' continuum. *Pragmatics and Cognition* 11, 2003. p. 39-91.

WHARTON, T. *Pragmatics and Non-Verbal Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WIERZBICKA, A. *The semantics of interjection*. *Journal of Pragmatics* 18, 1992. p. 159-192.

WILKINS, D. *Interjections as deictics*. *Journal of Pragmatics* 18, 1992. p.119-158.